

VENCEDOR
do PRÉMIO
PULITZER

DEMON COPPERHEAD

ROMANCE

BARBARA KINGSOLVER

SUMA
de letras

Para os sobreviventes

De nada serve invocarmos o passado, a não ser que este exerça alguma influência no presente.

CHARLES DICKENS, *David Copperfield*

1

Antes de mais, fui eu que me pus no mundo. O ato foi testemunhado por uma multidão razoável que me concedeu pelo menos isto: a pior parte do trabalho ficou por minha conta, enquanto a minha mãe, por assim dizer, se mantinha a leste.

Num dia normal, tê-la-iam visto lá fora, no *deck* da sua casa móvel, bons vizinhos sempre atentos, a azucriná-la à vontade. Durante todo o final de verão e outono, naquele ar fétido, bastava olhar para a montanha, e lá estava ela, a pequena loura oxigenada a fumar os seus *Pall Malls*, agarrada àquele corrimão como se fosse a capitã do seu navio e agora chegasse a hora em que a coisa poderia dar para o torto. Estamos a falar de uma miúda de dezoito anos, sozinha e tão grávida como se possa imaginar. No dia em que não apareceu, coube à Nance Peggot ir bater-lhe à porta, invadir-lhe a casa e encontrá-la desmaiada no chão da casa de banho com a tralha espalhada por tudo quanto era sítio, e comigo já a sair cá para fora. Um refém escorregadio e esverdeado a apanhar a sujidade do pavimento vinílico, a retorcer-se e a empurrar, porque ainda estou dentro do saco em que os bebés flutuam, pré-vida real.

O Sr. Peggot estava lá fora, com a carrinha ligada, a caminho do serviço noturno, provavelmente a pensar em quanto tempo da sua vida despendera à espera de mulheres. A mulher ter-lhe-á dito que as rezas poderiam esperar um minuto, primeiro tinha de ir ver se a miúda grávida não se tinha enfrascado novamente. Sendo que a Sra. Peggot não era mulher de engonhar e, se necessário fosse, diria a Cristo Jesus que ficasse quietinho e não fizesse muitas ondas. Saiu aos gritos a pedir que ele ligasse para o número de emergência, porque uma desgraçada de uma criança estava na casa de banho a tentar desvenencilhar-se de um saco.

Como um pequeno pugilista azul. Seriam estas as palavras que empregaria mais tarde, sendo que não tinha nenhum constrangimento em discutir o pior dia na vida da minha mãe. E se foi assim que me deparei com as primeiras pessoas que me puseram a vista em cima, aceito. Para mim, significa que tive uma possibilidade de lutar. Poucas hipóteses, já sei. Se uma mãe está deitada sobre o seu próprio mijo e frascos de medicamentos enquanto dão uma palmada na criança que ela expulsou, dizendo-lhe para se manter viva, é provável que o sacaninha esteja condenado. Um miúdo nascido de uma drogada é um drogado. Quando crescer, será tudo o que não queremos saber: os dentes podres e os olhos sem vida, o incómodo de trancarmos as ferramentas na garagem para não se evaporarem, o motel de aluguer semanal bem afastado da estrada panorâmica. Este rapaz, se quisesse ter alguma hipótese de voos mais altos, deveria ter nascido de uma mãe rica, inteligente ou cristã, que não consumisse drogas. Qualquer pessoa dirá que quem nasce neste mundo vem marcado desde o início, para vencer ou perder.

Eu, porém, sempre tive uma queda por resgates a cargo de super-heróis. Existiria sequer tal ofício no nosso universo de casa móvel? Teriam todos eles abandonado Smallville em busca de maiores feitos? Salvar ou ser salvo, eis umas questões. É preferível acreditar que não acabou até chegar à última página.

Tudo isto ocorreu numa quarta-feira, que é considerado o dia aziago. Fértil em tribulações, etc. Além disso, vir cá para fora ainda dentro do *ziplock* fetal. Mas, segundo a Sra. Peggot, há uma boa notícia associada a quem vem ao mundo dentro da bolsinha: é a promessa de Deus de que nunca irá morrer afogado. Especificamente. Uma pessoa ainda pode levar com uma *overdose*, ficar presa no volante e morrer assada no banco do condutor ou, por exemplo, rebentar com os miolos, mas o único lugar onde não irá exalar o último suspiro é debaixo de água. Obrigado, Jesus.

Não sei se isto tem alguma coisa a ver, mas sempre tive um fraquinho pelo oceano. Normalmente, as crianças têm a obsessão de saber o nome de cada marca e modelo de dinossauro ou coisa do género.

Comigo eram baleias e tubarões. Mesmo agora, provavelmente penso mais do que é normal em água, em flutuar nela, na própria cor azul e no facto de, para os peixes, esse azul ser tudo na vida. O ar e o barulho e as pessoas e todo o nosso absurdo bulício de capital importância, um ligeiro incómodo, se tanto.

Não o vi a sério, apenas fotografias e uma hipnotizante proteção de ecrã num computador da biblioteca, com ondas a erguerem-se e a espriarem-se. O que sei então sobre o oceano, se nunca pisei a sua barba de areia nem o encarei? Se ainda aguardo o momento de travar conhecimento com a única coisa que sei que não me vai engolir vivo.

Em pleno condado de Lee, entre o acampamento junto às minas de carvão de Ruelynn e uma povoação a que chamam Right Poor, foi no cimo de uma estrada entre duas montanhas íngremes que instalámos a nossa casa. Perdi naqueles bosques mais horas do que alguém se atreveria a contar, na companhia de um rapaz chamado Maggot, vadeando o riacho e virando pedras enormes, os todo-poderosos. Poderia ir por caminhos diferentes, mas, definitivamente, um herói da Marvel é preferível a um da DC, sendo o Wolverine um dos meus favoritos. Ao passo que o Maggot tendia a escolher a Storm, que é uma rapariga. (Excelentes poderes e mutante, mas ainda assim...) Maggot era um diminutivo de Matt Peggot, obviamente relacionado com a mulher que se pôs aos gritos na festa do meu dia de nascimento, a avó dele. Foi ela a razão de eu e o Maggot termos sido, durante uns tempos na nossa meninice, uns vizinhos estroinas, mas primeiro ele tinha de vir ao mundo, um pouco antes de mim, e de ser despachado para ela enquanto a mãe tirava umas dilatadas *vacances* na cadeia feminina de Goochland. Já temos aqui matéria que chegue para lixar mais de uma vida jovem, mas trata-se de um projeto.

Era sabido que este lugar onde vivíamos andava infestado de víboras-cabeça-de-cobre. As pessoas acham que sabem muita coisa. Eis o que eu sei. Nos anos que passei a escalar rochas em todos os lugares onde uma cobra gosta de assentar, não vimos nem uma cabeça-de-cobre para amostra. Cobras, sim, o tempo todo. Mas há cobras e cobras.

Para começar, uma espécie comum e malhada, a cobra-d'água, que se abespinha com facilidade e é lesta a atacar se uma pessoa comete esse erro, mas é uma mordida de menor monta do que a aplicada por um cão ou que a ferroadada de uma abelha. Sempre que uma cobra-d'água ferra o dente em alguém, a pessoa solta todo o palavreado armazenado no armário craniano. Depois limpa o sangue, pega no pau e continua a ser um Adaptoide, a malhar no cepo musgoso do mal. Daí que, se uma cabeça-de-cobre morde alguém, é o fim do que quer que a pessoa tenha planeado fazer nesse dia, e talvez com essa parte da mão ou do pé, ponto final. Por isso, importa, e muito, ter atenção para onde se olha.

Quem presta atenção aprende a distinguir uma coisa da outra. Qualquer um sabe discernir um pastor-alemão de um *beagle*, ou um Whopper de um Big Mac. Quer isto dizer que os cães têm importância, tal como os hambúrgueres, mas uma cobra é uma cobra, porra. O nosso vale estava infestado de cabeças-de-cobre, diziam os caixas na mercearia sempre que viam a nossa morada no envelope dos vales de refeição da minha mãe. Dizia o motorista do autocarro escolar, dia sim, dia sim, ao bater com a porta atrás de mim como se estivesse a malhar com ela na carantonha pontiaguda das cobras lá do sítio. As pessoas adoram acreditar no perigo, desde que sejam outros a estar em apertos, enquanto vão dizendo que Deus vos abençoe.

Levei uns anos a conhecer a fundo todas as bênçãos do coração, e não era apenas sobre cobras. Uma das más escolhas da minha mãe, como aprendeu a designá-las na reabilitação, e podem crer que houve muitas, foi um tipo chamado Copperhead. Dizem que tinha a pele escura e os olhos verde-claros de um Melungo e um cabelo ruivo que faziam uma pessoa olhar duas vezes. Usava-o longo e brilhante como uma moeda, dizia a minha mãe, que claramente andava vidrada no sujeito. Tinha uma cobra em espiral tatuada no braço direito, onde fora mordido duas vezes: a primeira na igreja, quando era miúdo, tentando provar a sua masculinidade no seio familiar, entre homens que eram manipuladores de serpentes. A segunda vez, mais tarde, longe da vista de Deus. A minha mãe dizia que ele não precisava da tatuagem como lembrete, aquele braço incomodou-o até ao fim. Morreu no verão antes

de eu nascer. A confusão no dia em que nasci surpreendeu tanta gente que pediram uma ambulância e depois a intervenção musculada e espalhafatosa dos serviços sociais. No entanto, duvido que alguém tenha ficado surpreendido ao ver-me crescer com estes olhos, este cabelo. Mal por mal, podia ter nascido com a tatuagem.

A minha mãe tinha a sua própria versão do dia em que nasci, na qual nunca acreditei, considerando que estava inconsciente durante o episódio. Não que eu seja testemunha, na minha condição de recém-nascido, ainda por cima dentro de um saco. Conhecia, porém, a história da Sra. Peggot. E qualquer pessoa que tivesse passado sequer um dia na companhia dela e da minha mãe saberia qual desses dois bilhetes de lotaria seria premiado.

A da minha mãe era como se segue. No dia em que nasci, a mãe do meu pai apareceu do nada. Não era alguém que a minha mãe conhecesse ou quisesse conhecer, tendo em conta o que ouvira a respeito daquela família. Um batista manipulador de serpentes era apenas um pequeno exemplo. Dizia-se que eram pessoas que batiam forte e feio umas nas outras, maridos a açoitar as mulheres, mães a malhar nos filhos com qualquer objeto que tivessem à mão, até a própria Bíblia Sagrada servir. Acreditei na versão da minha mãe, porque ouvimos falar dessas coisas, de pessoas tão piedosas que chegam a passar cobras umas às outras e a passar também olhos negros. Se isto é novidade para o leitor, talvez acredite que um condado seco é um sítio onde não há uma pinga de álcool disponível. No sudoeste da Virgínia, andamos sempre às voltas com alguma coisa.

Supostamente, quando essa senhora apareceu, a minha mãe já estava com bastantes dores. O trabalho de parto começara sem mais nem menos naquele dia. Numa tentativa de atenuar o pior, emborcou *Seagram's* antes do meio-dia, com anfetaminas que chegassem para se manter acordada e continuar a beber, e *Vicodin* quando as coisas ficaram mesmo difíceis. Ao olhar para cima, vê o rosto de uma estranha tão espalmado contra a janela da casa de banho que a boca dela parece um rego à mostra. (Palavras da minha mãe, aceite-se ou não a imagem.) A mulher ao entrar pela porta investe contra a minha mãe com inferno

e enxofre. O que está ela a fazer a este cordeirinho inocente que Deus Todo-Poderoso lhe pôs no ventre? Veio para levar o único rebento do seu falecido filho deste antro de vício e criá-lo de forma condigna.

A minha mãe sempre jurou que foi por pouco que não agarrei aquela oportunidade: ser levado para me juntarem a alguma tribo de fanáticos chamada Holy Roller em Open Ass, Tennessee. O nome do lugar, uma criação minha. A minha mãe recusava-se terminantemente a falar sobre a família do meu pai ou mesmo sobre o que lhe tirou a vida. Apenas que fora um grave acidente num lugar chamado Devil's Bathtub, ao qual eu nunca deveria ir. Manter segredos longe de ouvidos jovens só serve para lançar sementes entre eles, e estas, na minha cabecinha, transformaram-se em mortes mais macabras do que aquelas que deveria andar a ver na televisão com essa idade. A ponto de ganhar medo a banheiras, coisa que, felizmente, não havia lá por casa. Os Peggots tinham, e eu evitava-as. A minha mãe, porém, mantinha-se na sua. Tudo o que tinha a dizer sobre a Mãe Copperhead era que ela era uma velha megera de cabelos grisalhos que dava pelo nome de Betsy. Fiquei dececionado, na expectativa de que fosse pelo menos uma cabeleira ruiva de arromba como a da Viúva Negra. Por ser esta a única parente do meu pai que provavelmente iríamos conhecer. Quando o pai ou a mãe de alguém termina o turno antes de essa pessoa iniciar o seu, é possível que ela passe demasiado tempo a olhar para aquele buraco negro.

A minha mãe, porém, viu o suficiente. Vivia com medo de perder a guarda e esforçou-se ao máximo na reabilitação. Eu saí, a minha mãe entrou e deu cem por cento. Deu e voltou a dar ao longo dos anos, tornando-se uma especialista em reabilitação, como se costuma dizer. Por ter passado por isso tantas vezes.

Dá para ver que a história da minha mãe só levantou poeira. Uma senhora aparece (ou não), oferece-me uma casa melhor (ou não), e a seguir parte, depois de ter sido mimoseada com uma série de palavras suculentas (para quem conheça a minha mãe) que teriam deixado os ouvidos da senhora a zumbir. Terá a minha mãe inventado aquela versão para me indrominar? Seria verdade na sua cabeça destrambelhada? Seja como for, deixou bem claro que a senhora ia resgatar uma

menina. Não a mim. Se era uma história da carochinha da parte da minha mãe, porquê uma menina? Seria isso que queria mesmo, um embrulho cor-de-rosa que a faria entrar nos eixos? Como se *eu* não fosse frágil?

Outra questão, coisa de somenos importância, é que nesta história a minha mãe nunca mencionou o nome do meu pai. A mulher é a «bruxa Woodall», sendo que esse é o apelido do meu pai, sem qualquer referência ao homem que lhe pôs um bebé na barriga. Encontrava vasta matéria para falar sobre ele noutras alturas, sempre que o amor e coisas do género eram a sua última opção quando ia a meio de uma grade de cerveja. As aventuras dele e dela. Mas nesta história, no que toca à minha existência, ele é apenas a má escolha.

2

A minha ideia aqui é fazer um relato cronológico dos acontecimentos, com exceção de certos episódios de um jovem podre de bêbedo, juntando algumas peças do *puzzle*. Mas caramba! É horrível ser criança, não ter voto na matéria. Se uma pessoa conseguir superar isso e crescer, o mais fácil é esquecer a miséria e fingir que sempre soube o que andava a fazer. Isto partindo do princípio de que vai parar a algum sítio do qual se possa orgulhar. E, se assim não for, é mais fácil esquecer tudo, e ponto final. Estamos então perante a opção três, sem orgulho, sem esquecer. Nada fácil.

Lembro-me de ter sempre gostado mais de olhar para as coisas do que de falar sobre elas. Tinha as minhas interrogações. O meu problema eram as pessoas. As crianças que puxam pela cabeça não são seres humanos de pleno direito para lhes darem respostas diretas. Por exemplo. Os Peggots ali ao lado tinham num poste do quintal uma casinha para passarinhos — um edificado confuso de cabaças penduradas, com furos a servir de portas para as aves. É o equivalente avícola daqueles amontoados de casas móveis que o leitor poderá encontrar, onde um casal que entra gera família, mas donde nunca sai ninguém, nem filhos, nem netos. Limitam-se a juntar os trapinhos e a rebocar mais uma casa lá para dentro, para assentar em blocos, mantendo numerosa a família, com os seus alpendres desconchavados e a bandeira esfarrapada sobre a unidade original. Uma Nação Subempregada. A casinha para passarinhos dos Peggots era isso mesmo, uma mixórdia de casas avícolas. Mas nunca nenhum pássaro viveu nela. Havia ninhos de aves em abundância nas árvores atrás da casa, ou construía-mos num sítio qualquer ao acaso, como sob o *capot* da carrinha do Sr. Peggot. Por que razão não se mudam para uma casa já construída, sem encargos?

O Sr. Peggot disse que os pássaros são como qualquer pessoa, gostam de viver à sua maneira. Disse que sabia de casas de habitação social igualmente impopulares e que não custavam muito mais do que uma casinha para passarinhos.

Tudo bem, mas por que razão manter aquela coisa lá em cima, a ganhar bolor? O Maggot disse-me que o Humvee a fizera em Shop. Sendo que o Humvee era um dos tios do Maggot, visto pela última vez perto de uma escola no tempo dos Bee Gees ou do Elvis. Agora estamos nos anos noventa. Esta casinha para passarinhos repudiada foi mantida pelos Peggots lá em cima no poste todos aqueles anos para quê, para se lembrarem do filho Humvee? Não engulo essa. Os Peggots tinham sete filhos ao todo, uns a viver longe, para os lados de Ocala, Florida, e outros bem perto, a pouco mais de quilómetro e meio. Um sem-número de primos deambulavam por aquela casa como matilhas de animais meio domesticados, com privilégios de refeição. Falavam diariamente com todo e qualquer familiar, ou dele falavam, tirando dois: (1) a mãe do Maggot, (2) o Humvee. Um deles atrás das grades em Goochland; o outro, morto, por razões não discutidas.

Além da casinha para passarinhos sem os ditos, tinham um canil sem cães. O Sr. Peggot treinava cães de caça antes de ficar sem forças para isso, como todos os velhotes que conhecíamos, sempre que ainda tinham pulmões para tal e os cães tinham raposas ou ursos para perseguir até à árvore mais próxima. No outono, levava-nos até à floresta para caçarmos ginseng ou escavarmos sassafrás, porque estes não nos fogem. Mas, sobretudo, só para estarmos lá fora. Conhecia as vozes das aves como as pessoas reconhecem os locutores da rádio. Quando já tínhamos idade suficiente para manejar uma espingarda, nove ou dez, ensinou-nos a caçar um veado e a içar a carcaça na pernada da árvore no acesso à casa, para a desmanchar, deixando as tripas desenrolarem-se e caírem fumegantes sobre o cascalho. A Sra. Peggot cozinhava carne de veado assada na panela elétrica. Só quem já experimentou é que sabe o que é comida a sério.

O canil vazio ficava entre a nossa casa e a habitação dos Peggots. Eu e o Maggot cobríamo-lo com uma lona e dormíamos lá, geralmente

quando, devido à queda de árvores algures, ficávamos sem eletricidade e não podíamos ver televisão. Houve um verão em que fizemos isso durante um mês, talvez, depois de um desafio de Duck Hunt em que acidentalmente deixei voar a pistola da *Nintendo* e espatifei o ecrã. O Maggot assumiu a culpa por essa ação, para não me mandarem para casa e esfolarem-me vivo. A Sra. Peggot fingiu acreditar na palavra dele, apesar de ter ouvido tudo. É provável que qualquer pessoa já tenha tido um trecho dourado de vida assim, quando tudo ia acabar bem graças às pessoas que a apoiavam e, infelizmente, a tenha desperdiçado ao deixar-se perturbar por uma trivialidade como uma televisão partida.

A casa dos Peggots ficava no cimo da estrada e estava rodeada de mato. Houve tempos em que tinham galinhas, incluindo um galo com a mente de um assassino em série que me deu pesadelos. Mas não eram agricultores propriamente ditos. De igual forma, não eram muito de ir à igreja, mas foram eles que me levaram. A minha mãe detestava a igreja, por esta ter dado a volta à cabeça a algumas das crianças que ela acolhera, mas eu não me importava. Gostava de olhar para as mulheres a cantar, e o resto da cerimónia podia passá-la a dormir. Mais aquela coisa de sermos amados automaticamente, com Jesus do nosso lado. Não é uma torneira aberta ou fechada, como acontece com as pessoas. Ainda assim, algumas das histórias da Bíblia mexiam comigo, sem dúvida. O episódio de Lázaro deixava-me perturbado mentalmente, a pensar que o meu pai poderia voltar, e que eu tinha de ir à procura dele. A Sra. Peggot disse à minha mãe que eu deveria ir visitar a sepultura do meu pai no Tennessee, e tiveram uma discussão acesa. O Maggot acalmou-me ao explicar que as histórias bíblicas eram uma categoria de banda desenhada de super-heróis. Não eram para confundir com a vida real.

Uma criança aceita mundos diferentes com regras diferentes, mesmo entre umas casas e outras. Sendo que a casa dos Peggots era um lugar onde as coisas estavam sempre no sítio certo. O Sr. Peggot regressava a casa com os víveres e, num abrir e fechar de olhos, lá iam eles parar ao frigorífico. Assim que eu e o Maggot terminávamos a nossa Terceira Guerra Mundial na sala de estar, tínhamos de arrumar os legos

e toda a aquela tralha antes de sairmos; caso contrário, faziam-nos a vida negra. Não era assim na minha casa, onde o leite, parecendo ter vida própria, aguardava em cima da bancada até ficar azedo. A minha mãe dizia sempre que perdia a cabeça se esta não estivesse aparafusada, e até tinha razão. O cartão de identificação do trabalho na parte de trás da sanita, maquilhagem no lava-louça, a mala lá fora debaixo de uma cadeira. Sapatos por todo o lado. Só a minha mãe é que era assim. No meu quarto, eu tentava manter as minhas coisas arrumadas, sobretudo os super-heróis e os cadernos que guardava para os meus desenhos. Um dia perguntei à minha mãe como é que se fazia para a cama ficar tapada como se vê na televisão, o que ela achou hilariante.

Nós, os miúdos, deambulávamos por ali, por vezes até aos antigos acampamentos junto às minas de carvão, com as casinhas em banda como no monopólio, só que já não eram todas iguais, devido a travesuras lúdicas e à natural vocação dos telhados para desabar. Jogávamos ao rei da montanha nos cones de descarga de carvão e regressávamos a casa com a cara preta e as pálpebras brancas como antigos mineiros que tínhamos visto em álbuns de fotografias. Ou brincávamos nos riachos. Não no inominável Devil's Bathtub, que assustava tanto a minha mãe, e que aliás fica no condado de Scott. O melhor lugar, de longe, era o pequeno afluente que corria mesmo atrás das nossas casas, o sítio ideal para quem quisesse passar despercebido. Água com ideias próprias, que se movia debaixo de todas aquelas rochas. E, sob a água, uma espécie de lodo que nos fazia sentir ricos — a cheirar a folhas, denso, de uma cor que apetecia comer. O Afluente do Peggot, assim se chamava, sendo que os Peggots eram quem aí vivia há mais tempo. A casa deles foi construída por uns antecessores Peggot antes de qualquer outra habitação aparecer por ali, numa altura em que era uma grande fazenda onde lavravam os campos de tabaco com mulas. Foi o que disse o Sr. Peggot. Sendo que as mulas eram a única forma de alguém cultivar terras tão íngremes. Com um trator, uma pessoa rebojava até cá abaixo, e era morte certa.

A casa onde eu morava com a minha mãe era, na prática, uma casa Peggot, antiga habitação da tia do Maggot, a June, antes de esta

se mudar para Knoxville. A minha mãe arrendou-a aos Peggots, e foi provavelmente por isso que estes ficaram de olho e a ajudaram, como se a minha mãe fosse a primeira suplente a sair do banco depois de a filha efetiva deixar o jogo. O Maggot dizia que a June ainda era a preferida deles, mesmo depois de se formar em Enfermagem e mudar de casa. O que significa muito. A maior parte das famílias perdoaria mais depressa alguém por ir parar à prisão do que por sair do condado de Lee.

Importa esclarecer que eu e a minha mãe não éramos parentes deles, pelo que não se tratava de um daqueles amontoados familiares de casas móveis. Esses sítios miseráveis aparecem nos *reality shows* muito mais do que na realidade em geral, pela mesma razão, acho eu, que as pessoas gostam de ver cabeças-de-cobre onde não as há. Os Peggots acabaram por ter a sua casa, e era das grandes. Outras nove ou dez famílias tinham os seus poisos ao longo da nossa rua, mantidos em bom estado e, mais uma vez, sem relação de parentesco.

Mas os Peggots eram uma horda estrondosa, sem dúvida. Eu tinha inveja do Maggot pela riqueza de primos que ele considerava perfeitamente natural. Mesmo as primas mais velhas e boazonas que eram todas «Oooh, Matty, dava tudo para ter as tuas pestanas! Nenhum Deus que fosse justo desperdiçava uma cara tão bonita num rapaz!» A seguir punham-se aos gritos, porque o Maggot tentava queimar-lhes os braços; umas miúdas animadoras de claque bem desenvoltas que, sinceramente, poderiam dar-lhe um pontapé no rabo quando quisessem. Não é possível que andassem amedrontadas. Era apenas uma rotina que tinham, as miúdas a virem com aquela tanga própria de miúdas, e o Maggot a agir como se a detestasse.

E eu ficava, tipo, *A sério, pá?* Sim, acho que *bonito* é uma daquelas palavras que um gajo tem de encarar como se fosse um esquentamento e tivesse de proteger os tomates. Sendo que toda a situação de masculinidade do Maggot era complicada, para não dizer pior. Isto, porém, aconteceria sem ninguém por perto para o julgar, apenas os primos. E eu, o parvalhão sem primos que teria pago para uma miúda fazer aquele espalhafato comigo, e deitada com meio corpo em cima de mim, com eles todos ali a monte no chão da sala de estar a verem o *Walker*,

o Ranger do Texas. Eu, o parvalhão sentado sozinho no sofá a olhar para o meu amigo lá em baixo naquele monte, a pensar: *Meu, quem é que detesta ser adorado?*

Tenho estado a dizer Sra. Peggot isto, Sra. Peggot aquilo, por isso vou continuar a tratá-la desta forma, porque a verdade é constrangedora. Chamava-lhe Vovó. Era assim que o Maggot a tratava, e eu fazia igual. Sabia que os primos dele não eram meus primos, nem o Sr. Peggot meu avô, chamava-lhe Peg como toda a gente. Julgava, porém, que todas as crianças tinham uma vovó, tal como uma assistente social e merenda escolar gratuita e feijão cozido com salsicha enlatado que nos dão num saco para levarmos para casa para o fim de semana. Tipo, atribuído. Se não fosse assim, onde é que eu ia arranjar uma? Sem perspetivas pelo lado da minha mãe, abandonado pelo sistema de acolhimento. Quanto à mãe do pai fantasma, estamos conversados. Por isso, vejo-me obrigado a partilhar com o Maggot. O que parecia bem à Sra. Peggot. Tirando o facto de o meu sítio oficial para dormir ser na casa da minha mãe e de o Maggot ter o seu próprio quarto no andar de cima na casa dos Peggots, ela não tinha preferências: os mesmos bolinhos de pacote, as mesmas camisas de *cowboy* que fazia para os dois, com a franja nas mangas. A mesma pancadinha no ombro com os nós dos dedos quando dizíamos palavrões ou nos sentávamos à mesa com o boné posto. Diga-se que nunca batia com força. Mas as reprimendas, meu Deus. Ao olhar para ela, uma avó baixinha de cabelo grisalho curto e calças de ganga de cintura alta e sandálias amarelas rasas, uma pessoa vai pensar: *Aqui não há nada que me impeça o caminho.* Não sabe da missa a metade! Se uma pessoa roubar ou falar mal dos seus superiores ou estragar um dos tomateiros dela ou for apanhada a snifar a laca para o cabelo dela, a senhora poderá pregar-lhe uma descompostura de todo o tamanho.

Ela era a única a empregar o meu nome verdadeiro, depois de toda a gente o ter posto de lado, incluindo a minha mãe. Só bastante mais tarde, aí com os meus vinte anos, é que percebi que há sítios em que as pessoas ficam com os nomes com que começam. Quem poderia adivinhar? Quer dizer, Snoop Dogg, Nas, Scarface, não são nomes que uma

mãe atribua. Presumi que todos os sítios eram como nós, em casa, no condado de Lee, onde a maior parte da malta fica com outro nome, que acaba por pegar. Shorty ou Grub ou Checkout. É bem possível que o Humvee de início não se chamasse Humvee. O Sr. Peggot passou a ser Peg¹ depois de ter ficado com o pé esmagado por uma daquelas máquinas de aparafusar que usam nas minas de carvão. Há nomes que assentam que nem uma luva, e a pessoa vem a correr como um cão quando o ouve, até ao dia em que morre e vem no jornal junto do nome oficial que toda a gente esqueceu. Tenho visto a secção de necrologia e pensado no facto de a maior parte desses nomes serem desagradáveis. Quem quer, ao morrer, ser conhecido por velho Stubby²? Durante a vida, porém, não tem grande importância, uma pessoa comprar uma cerveja para o seu melhor amigo Maggot³ sem qualquer um dos dois parar para pensar.

Por isso, não era habitual que a Sra. Peggot mantivesse o meu nome de nascença na lista de opções, depois de outros o terem abandonado. O nome é Damon. O apelido é Fields, do lado da mãe. No momento de preencher os impressos do hospital após o meu nascimento tão atribulado, ela lá tinha as suas razões, obviamente, para não me associar ao meu pai. Pelo que sei agora, não há dúvida, mas ficar parecido com ele fez parte do meu crescimento, tal como ganhar cabelo. E naqueles tempos, quando a aparência ainda era o principal trunfo da minha mãe e as palavras «má escolha» ainda não faziam parte do seu vocabulário, talvez houvesse outros candidatos. Ninguém disponível para ser cavalheiro e assinar o seu nome. Ou levá-la do hospital para casa. Esse trabalho, como a maior parte dos cavalheirismos na vida da minha mãe, calhou ao Sr. Peg. Se ele estava feliz com isso ou não, é outra história.

Quanto a Damon, foi ela que se saiu com esta mariquice de nome, próprio de um cantor de banda *pop* juvenil. Teria achado que me ia tirar das tetas antes que o pessoal o transformasse em Demon⁴? Muito antes

¹ *Peg leg* (ou *pegleg*) pode traduzir-se por «prótese», o que explica a origem desta alcunha. (*N. dos T.*)

² *Stubby* significa «atarracado». (*N. dos T.*)

³ *Maggot* significa «larva». (*N. dos T.*)

⁴ *Demon* significa «demónio». (*N. dos T.*)

da idade escolar, já tinha ouvido tudo. Screamin' Demon, Demon Semen.⁵ Contudo, assim que ganhei a minha cabeleira de fios de cobre e alguma versão de atitude, comecei a ouvir «Little Copperhead»⁶. A ouvir amiúde. Note-se que nenhum rapaz que os tenha no sítio quer ser Pequeno Seja-o-que-For. Conselho para qualquer pessoa que faça tenção de chamar Júnior ao filho: passar uma vida inteira na condição de minialguém será tão emocionante como encontrar langonha seca no tapete.

Mas ter um pai fantasma famoso abre uma nova perspetiva, e não posso dizer que tenha detestado ser reconhecido dessa forma. Na altura em que o Maggot dava início às suas tentativas de furto em lojas, começava eu a ficar conhecido por Demon Copperhead. É inegável que confere um certo poder.

⁵ Respetivamente «Demónio aos Gritos», «Demónio Sémen». (*N. dos T.*)

⁶ Literalmente, «Pequeno Cabeça de Cobre». (*N. dos T.*)

3

Desde o dia em que o Murrell Stone subiu os nossos degraus com as correntes das botas *Davidson* a tilintar, o discurso da minha mãe era todo ele «O Murrell é bom tipo. Gosta de ti, e tu gostas dele.» Recebi as minhas instruções.

Era conhecido por Stoner, e, se dizia coisas bonitas à minha mãe, ela era toda ouvidos. Até agora, tem estado sóbria o tempo suficiente para manter o emprego no Walmart em todos os períodos de reabastecimento dos corredores sazonais: fantasias de Halloween, treta natalícia, dias dos Namorados, doces de Páscoa, cadeiras dobráveis. Tem a renda em dia e uma gaveta repleta de fichas de sobriedade que, noite entrada, desengaveta e admira como um dragão sentado em cima do seu tesouro. É do que me lembro. A minha mãe a chegar a casa do trabalho e a enfiar os calções desfiados, a beber um *Mello Yello*, sentada no *deck* a fumar, com os pés no corrimão e as pernas esticadas a tentar a versão gratuita de um bronzeado, a gritar-me a mim e ao Maggot para, lá em baixo no riacho, não vazarmos os olhos ao andarmos a correr com paus. A vida é grande, por outras palavras.

Só não me lembro do que não sabia: qual a sensação de chegar à idade legal para beber e já ter três anos de AA? Como é chato ter um filho em idade escolar e um relacionamento de longa data com o corredor de acessórios para festas do Walmart, enquanto as amigas de outros tempos ainda andam por aí a tentar ficar pedradas, bêbedas ou casadas, de preferência uma combinação perfeita dos três estados. A minha mãe só se dava com pessoas de meia-idade na casa dos trinta, pelo menos: amigos de sobriedade e coleguinhas do Walmart que lhe diziam «Tenha um santo dia, queriducha» e regressavam a casa para junto dos respetivos maridos e baldes de frango e *Jeopardy*. Por esta

altura — depois de eu ter vindo ao mundo — já tentara e falhara com uma chusma de namorados, que a largaram, porque (a) a fizeram recair na pinga e meter-se em embrulhadas jurídicas no tocante à maternidade, ou (b) não era divertida.

E é então que surge o Stoner, alegando que tem respeito por uma mulher limpa. Tendo algumas parecenças com o próprio Mr. Clean⁷, cabeça de bola de bilhar, bíceps enormes, alargadores em vez de brincos. A minha mãe dizia que ele poderia deixar crescer o cabelo se quisesse, mas que gostava de usar a cabeça rapada. No entender dela, um careca bombado enfiado num colete de ganga e sem camisa era o suprassumo da masculinidade. Se o leitor fica admirado por uma mãe discutir dotes físicos de namorados com um rapaz que ainda anda a aprender a não tirar macacos do nariz, é porque não conhece as profundezas da solidão. A minha mãe acendia-me um cigarro e tínhamos as nossas conversas — um cigarro de mentol, claro, sendo que esta, no seu entender, era a opção adequada para crianças. Tinha para mim que fumar com a minha mãe e discutir os diversos atributos que fazem de um homem um ganhão era sinal de profundo respeito. Foi assim que aprendi coisas do género: uma cabeça com barba por fazer, bom como o milho. A dada altura, porém, o Stoner perdeu gás na questão do barbear, porque andava com uma senhora barba, a maior e mais negra que se pode encontrar fora das histórias de banda desenhada do Vandal Savage.

Uma das poderosas figuras anteriormente referidas tem atormentado a Terra com desgraças desde que o mundo é mundo. E uma delas produz o *spray* Clean Freak do *Mr. Clean*, que tira o bolor a uma reles cortina de duche e a põe como nova. No entender da minha mãe, o Stoner era a segunda opção.

Regressada a casa do trabalho, começou a maquilhar-se mais, em vez de menos, não fosse ele aparecer. E apareceu mesmo, distribuindo elogios. *A tua mãe é uma brasa, assim dá cabo de mim, mais bonita do que duas pêssegas*. A mim chamava-me «sua majestade». O que quer isso

⁷ Mr. Clean («Sr. Limpo») é uma personagem fictícia e mascote da marca associada a uma linha de produtos de limpeza. (*N. dos T.*)

dizer no caso de um miúdo que, até ao momento, devia a maior parte do seu crescimento ao facto de assinar com o nome da mãe os impressos do programa de assistência alimentar a famílias carenciadas para obtenção de almoços grátis? O Stoner dizia que o meu problema era que me habituara a ser um menino da mamã. Se me apanhava deitado com a cabeça no colo da minha mãe enquanto víamos televisão, dizia: «Oh, olhem só. Lá está o reizinho no trono.»

Possuía, porém, uma carrinha *Ford* de caixa aberta, modelo recente, e uma *Harley FXSTSB Bad Boy*, ambas totalmente pagas, e esse aspeto do negócio do Stoner era difícil de desprezar. Baixava o descanso à *Harley* e entrava para vir ter com a minha mãe. Sinal para eu e o Maggot passarmos a próxima hora inteira a tocar naquela mota, a olhar para o nosso estúpido semblante na superfície cromada, a desafiar-nos mutuamente a subir para o assento. A acreditar piamente que, se o Stoner saísse naquele momento, não escaparíamos à cadeira elétrica.

Por isso, no dia em que ele chegou de mota, com estrondo, e me perguntou se eu queria dar uma voltinha, só até à autoestrada e voltar, minha Nossa Senhora. Então não havia de querer? O Maggot olhou para mim, tipo, *Eh, pá, tens cá uma sorte*. A minha mãe gritou do *deck* «Agarra-te a ele, Stoner; se ele se aleijar, limpo-te o sebo!»

O meu problema era não ter sapatos. Era um sábado, e tínhamos estado a praticar tiro ao alvo com o Hammerhead Kelly, uma espécie de primo dos Peggots por afinidade, mais velho do que nós. Um miúdo sossegado, o preferido do Sr. Peggot para a caça aos veados. Tinha trazido uma pressão de ar, sendo que o nosso riacho estava repleto de possíveis alvos; seja como for, a questão é que eu tinha de pensar onde estavam os meus sapatos. Provavelmente na casa do Maggot. A minha mãe aparentemente achava que eu precisava deles e disse-me para os ir buscar, o que fiz. Mas não sem que a Sra. Peggot primeiro me bombardeasse com perguntas sobre o que estava a acontecer. Ela estava a olhar pela janela. A minha mãe tinha descido até à estrada, e o Stoner estava inclinado a beijá-la como se estivesse a tentar sugar-lhe algo das entranhas por um canudo. E ela de bom grado a participar no crime.

A Sra. Peggot avisou-me que era muito provável que eu viesse a cair da mota daquele sujeito e rachar a cabeça de alto a baixo. «E o pior é que ele é pessoa para arrancar e deixar-te lá», disse-me ela.

Meu Deus. Por mais que eu quisesse subir para aquela *Harley* e fazer-me à estrada a todo o gás para toda a gente ver, já não conseguia parar de imaginar a minha cabeça no chão, aberta como as metades de uma casca de noz, os vizinhos apinhados em redor, o Stoner a acelerar para lá do horizonte. Quero dizer, a Sra. Peggot não era pessoa de enrolar os outros, a mulher sabia umas merdas. Nessa altura não tinha ideia do aspeto do cérebro de um rapaz exposto, mas agora já tenho. Está no topo de uma lista de coisas que preferia não ver. A minha pequena mente, porém, tinha um jeito brutal para imagens. Fui lá fora e disse ao Stoner que me doía o estômago. O Maggot daria o que fosse preciso para ir no meu lugar, mas, sendo um amigo a valer, disse ao Hammerhead que era melhor irmos todos lá para dentro jogar Game Boy até eu me sentir melhor.

— Tu é que sabes — disse o Stoner. Mas foi a forma como o disse, tipo «Que bem que ela sabe». De pé, com o braço a envolver os ombros da minha mãe, como se já tivesse pago o sinal.

Estava para breve, porém, o dia em que eu andaria naquela mota, apertado entre ele e a minha mãe como o queijo numa sanduíche, com visão mais do que privilegiada sobre as tatuagens no pescoço dele. A minha mãe atrás de mim com o cabelo louro a esvoaçar e os braços esticados, agarrados ao abdómen bombado do Stoner. As tatuagens do pescoço estendiam-se até ao couro cabeludo. Tinha curiosidade de saber se as mandara fazer antes ou depois da ideia de rapar a cabeça. As parvoíces que uma criança pensa em vez das questões importantes, tipo, onde é que este passeio recreativo nos leva aos três, afinal de contas?

A primeira vez foi até à Pro's Pizza. O Stoner pediu uma familiar com tudo, um jarro para ele, *Coca-Cola* para mim e para a minha mãe. Depois de termos aviado um bom naco de *pizza*, a minha mãe pediu licença e enfiou-se na casa de banho. Vieram dois amigos do Stoner

e sentaram-se no nosso privado como se fosse a coisa mais natural do mundo, limitando-se a fazer o turno seguinte.

Eu não conhecia aqueles tipos. No condado de Lee, dizem que uma pessoa tem de procurar muito até dar com um rosto que nunca tenha visto, o que certamente era verdade no caso da minha mãe, que encaminhara qualquer pessoa capaz de andar até ao sítio dos copos descartáveis no corredor 19 do Walmart. No caso de uma criança, porém, por estar mais agarrada a casa, a coisa é diferente. Já tinha reparado nestes homens a olhar para a minha mãe de alto a baixo, mas não percebi a ligação que tinham ao nosso grupo. O que se sentou ao lado do Stoner era pálido e tinha cabelos brancos, com muita tinta, e pintara um olho extra a meio do pescoço — não me perguntem por que razão terá achado uma boa ideia. O que ficou sentado ao meu lado cheirava a *Axe* e tinha o tipo de bigodinho e pera normalmente associados ao diabo e ao Homem de Ferro. O meu cérebro, com a sua obsessão infantil por super-heróis e supervilões, começou a magicar na forma de os desenhar. Ao da tinta chamar-lhe-ia Olho Extra, com capacidade para ver os pensamentos de uma pessoa. O outro era o Fedorento do Inferno, com o poder de matar uma pessoa só com o cheiro.

Encetaram conversa com o Stoner. «Que nome dar a este?» Um Demoniozinho, hem? Demónio Filhote, piadas que ouvi um milhão de vezes. O Fedorento veio-se então com «Filhote da Miúda da Página do Meio», e o Olho Extra disse:

— Uma raposa vai dar à luz os filhotes, Stoner. Tens sorte de ser só um.

E o Stoner disse que era melhor ter cuidado porque há pessoas mais espertas do que pensamos.

— Ah, sim? Estamos a falar de quem? — perguntou o Olho Extra. Também fiquei curioso.

— Bear — disse-lhe o Stoner, o que foi uma desilusão. Pensei que talvez se referisse a mim.

— Bear quê? — queriam saber.

O Stoner piscou o olho ao de leve.

— Amigo do Sr. Grin, seus palermas. ‘Tava-se mesmo a *ber*.

— Oh, já percebi — disse o Fedorento — O Sr. *Ber* Pra Crer.

Eu já conhecia, na minha tenra idade, uma lista razoável de parvalhões, mas nenhuma com o nome de Bear. Estes tipos riram-se dele até a minha mãe voltar, o que estava a demorar uma eternidade. Tiraram copos do dispensador e serviram-se da cerveja do Stoner e interrogaram-no sobre o seu projeto de perfuração. Se o Stoner perfurava poços, isso era novidade para mim. O Stoner perguntou-lhes o que fariam se dessem com um *Camaro impec* que quisessem comprar, mas que viesse com um reboque.

— Para *comprar*, ou só para levar para uma corrida radical? — quis saber o Olho Extra.

E o Fedorento perguntou:

— O engate está bem fixo, meu? — Riem-se os três a bandeiras despregadas. E eu ali sentado a sugar a *Coca-Cola* até ao gelo, até ficar com a garganta congelada como um buraco redondo e duro, confuso em relação a tudo o que se dizia.

Quando a escola fechou para o verão, os Peggots ofereceram-se para me levar a Knoxville. Iam visitar a June, a tia do Maggot, e ficar lá duas semanas. Era enfermeira num hospital, com a vida a correr-lhe bem, e morava num apartamento com um quarto vago. Para uma pessoa que nem sequer é casada, é muito espaço.

A minha primeira pergunta: Knoxville fica perto do mar? Resposta: nada disso. Já referi que era uma criança estranha no que dizia respeito a ver o tal do mar. Foi, por isso, uma desilusão. Virginia Beach não estava fora de questão, só para que fique claro. Não era como o Havai ou a Califórnia, impossível. Fica à distância de sete horas e um depósito de gasolina, de acordo com a Linda, colega de trabalho da minha mãe, que ia lá passar uma semana todos os anos no verão com o marido e ficava num condomínio. Já os Peggots iam ver a filha e deixavam-me viajar de pendura, por isso tinha de me portar bem a esse respeito. E, na verdade, a ideia de ir a qualquer lugar que não fosse a escola, a igreja e o Walmart era deveras empolgante. Seria a primeira vez.

E a minha mãe, foi a pergunta que fiz a seguir. «Vai chegar atrasada ao trabalho se eu não estiver aqui para a lembrar que tem de pôr o despertador», disse eu à Sra. Peggot. Eu tinha muitas preocupações, como encontrar os sapatos de trabalho dela e o cartão de identificação e lembrar que era preciso ir ao supermercado. A Sra. Peggot não estava a perceber a situação a meu respeito e da minha mãe. Quem é que iria buscar-lhe *Mello Yellos* ao frigorífico e com quem é que iria conversar? A Sra. Peggot disse que o melhor era eu ir perguntar à minha mãe, o que fiz. Tinha a certeza de que ia levar uma nega, mas a minha mãe ficou radiante e começou a dizer que seria muito divertido, ir para Knoxville com os Peggots. Quase nada admirada.

Na noite anterior à partida, enchi a minha fronha com roupa interior e *t-shirts* e o meu caderno de desenhos de super-heróis, e dormi vestido. De manhã, estava lá fora no *deck* uma hora antes de eles arrumarem a bagagem na viatura, que era uma carrinha *Dodge Ram* com os bancos traseiros rebatíveis que ficam voltados um para o outro. Durante todo o caminho até Knoxville, eu e o Maggot iríamos jogar *slapjack* e dar pontapés um ao outro nos joelhos cheios de crostas.

A minha mãe sentou-se ao meu lado à espera de que os Peggots aparecessem e que o Sol nascesse sobre as montanhas que ainda nos cobriam com a sua sombra. Para quem vive num vale, o Sol chega já tarde e vai-se embora cedo. Como muitas outras coisas que uma pessoa possa querer. Nos anos vividos desde então, tenho ficado admirado ao ver a quantidade de luz que banha uma pessoa nos sítios mais planos. Isto é mais ainda por aprender por meio de um miúdo empolgado a observar a sua linda mãe a fumar uns atrás dos outros e a ouvir os passarinhos a cantar. A minha mãe tentava passar o tempo a perguntar os nomes das aves, os quais já lhe tinha dito. Só conhecia uns quantos, o Sr. Peg é que os sabia todos. Carriça, canário-do-campo, pipilo-de-olho-vermelho. Quando chapinhávamos as axilas e a cara no lavatório em vez de tomarmos um duche a sério, dizia que estávamos a tomar um banho de pipilo. E foi o que fiz naquela manhã, com muita pressa para deixar a minha mãe. Tenho tudo gravado no cérebro. Que ela continuava a pensar em coisas para me lembrar: portar-me como deve ser,

lembrar-me de dizer «se faz favor» e «obrigado», sobretudo sempre que pagarem coisas, e nada de bisbilhotar o apartamento da June. Coisas que é preciso dizer a um miúdo antes de este sair do estado. Disse-lhe para ligar a porra do despertador. O que a fez rir, porque eu já tinha fixado um bilhete no frigorífico: LIGAR A PORRA DO DESPERTADOR. Disse que me amava muito e para não me esquecer dela, o que foi estranho. A minha mãe geralmente não era tão emotiva.

Finalmente, o Sr. Peg gritou da estrada:

— Ora bem, estamos então a preparar-nos para ir.

Comecei a descer os degraus, mas a minha mãe intercetou-me com toda a gente a ver, beijando-me no pescoço até eu ficar quase morto de vergonha.

E assim foi, deixámo-la. O Sr. Peg acenou, mas a Sra. Peggot, com cara de poucos amigos, mal olhou para ela. Foi o semblante que vi sempre que ela se virou para nos perguntar se tínhamos o cinto posto e se ainda queríamos bolachas. Manteve-o mesmo depois de termos transposto a fronteira do estado.

Knoxville tinha uma surpresa reservada: uma miúda chamada Emmy Peggot que morava com a tia June no apartamento dela, filha do Humvee, tio do Maggot, já falecido. O da casinha para passarinhos. Andava no 6.º ano, era magricela, com longos cabelos castanhos e uma expressão particular, impiedosa. Andava sempre com uma mochila da *Hello Kitty* às costas, aparentemente prestes a servir-se dela para dar uma coça a alguém e, ato contínuo, carregar a cabeça dessa pessoa lá dentro. Chegar ao fundo da questão levaria o seu tempo.

Enfiámo-nos logo no *Honda* da tia June para esta nos levar a todos a almoçar ao Denny's, exceto o Sr. Peg, que, depois da viagem, precisava de manter aquela perna inútil elevada. A tia June mandou-nos pôr o cinto, e foi a primeira vez que vi três cintos a funcionar num banco de trás. A Emmy sentou-se no meio sem falar connosco, a pescar elásticos para o cabelo e sabe-se lá mais o quê da mochila, a fazer questão de não nos deixar ver o que mais havia lá dentro, como se fosse algo demasiado chocante para a nossa mente juvenil.

A tia June deixou-nos pedir o que quiséssemos, por isso foi como um aniversário. Sentámo-nos junto à janela, e era difícil concentrar-nos, com tudo o que se passava lá fora. Eu seria talvez o único miúdo da escola que nunca fora a uma cidade, além de uma menina sem pais e com epilepsia que dava pelo nome de Gola Ham. Outras crianças da minha idade haviam ido sobretudo a Knoxville, porque as pessoas têm lá família. Agora não tinha olhos a medir. Se passava por nós alguma coisa, como um carro da bófia com um cão atrás, ou um reboque a puxar um *Mustang* espatifado, eu gritava *Eh, pá, olha para aquilo!* E a Emmy olhava-me de esguelha, tipo, *E depois? O pessoal não dá cabo dos carros no sítio de onde vieste?* A tia June estava ocupada a falar com

a Sra. Peggot sobre o seu trabalho. Tinha de ir trabalhar a seguir ao almoço até à manhã seguinte: turnos consecutivos noite e dia. Falou sobre os horários prolongados e o que via no serviço de urgência, como uma senhora grávida que deu entrada apunhalada, com o bebé ainda lá dentro. O que, pensando bem, fazia com que um *Mustang* espatifado não tivesse uma importância por aí além.

Eu e o Maggot iríamos ouvir mais histórias sobre o serviço de urgência, contadas pela Emmy, depois de esta pôr de lado a introversão e começar a falar connosco. Acontece que as piores merdas que as pessoas podem pensar em fazer umas às outras na terra natal também as pensam e fazem em Knoxville. Provavelmente mais ainda. A questão é que uma cidade é enorme. Obviamente, já tinha visto cidades na televisão, porque é só o que mostram a toda a hora (além do *Animal Planet*), pelo que já estava à espera de algo como Knoxville. Só que tinha a ideia de que, ao virar da esquina, uma pessoa saía logo da cidade. De regresso às montanhas, pastagens e elementos do género; ao natural. Nada feito. Sempre que saíamos de carro com a tia June, descíamos vinte ou trinta ruas só de prédios. Não se via o fim de forma alguma. Se o leitor é um dos poucos que ainda não esteve numa, vou dizer-lhe o que é uma cidade. Um caos do qual é difícil fugir. Será que o Maggot já sabia da Emmy, antes de virmos? Sim. Toda a gente na família dele sabia, bem como a minha mãe, o que me assustou. Por alguma razão a questão de o falecido Humvee ter uma filha a viver com a tia June nunca era referida lá em casa. O Maggot disse-me que eu poderia falar com a minha mãe, pois ela já sabia, mas não com o Stoner. Eu disse-lhe que tinha quase a certeza de que, quando voltássemos, acabaria tudo entre eles. Não haveria problema nenhum. Esta conversa decorreu na nossa primeira noite, com a Emmy a dormir. Tínhamos ficado acordados a ver *No Limiar da Realidade*, e ela acabou por cair no sono. O Maggot rastejou até ela e tirou-lhe a mochila das mãos para termos a certeza de que estava mesmo a dormir.

Ou seja, o quarto vago da tia June era, afinal, a casa da Donzela do Gelo. Teve de abdicar do aposento durante duas semanas para os avós lá ficarem. Nós, as crianças, dormimos num ninho gigante que fizemos

na sala de estar com almofadas e lençóis. Chamávamos-lhe forte, mas a Emmy corrigiu-nos dizendo que era o nosso «navio», o navio *Vai Levar no Ânus*, sugeriu o Maggot, que por via disso acabou despromovido. A Emmy tinha uma série de bonequinhas estúpidas em malinhas estúpidas, as quais, no seu mundo, ostentavam patentes: tenente, soldado, etc. O Maggot, na sua condição de lava-pratos ou coisa que o valha, geralmente ficava abaixo de toda aquela milícia de bonecas, enquanto eu me situava a meio. Tentávamos envolver a bonecada dela em roubos e homicídios, e ela alinhava completamente, para nossa surpresa. Disse-nos que havia um sítio fora de Knoxville, chamado Body Farm, onde enterravam cadáveres, que a seguir desenterravam, depois de apodrecerem, para estudarem o lado científico dos crimes. Tudo bem, cumpríamos as regras dela e dormíamos num navio de almofadas. Perguntei-lhe se já tinha visto o mar. Nunca, e não, obrigada, foi a resposta que me deu. Tinha estado no aquário Undersea Wonders, em Gatlinburg, e aterrorizou-se com os tubarões.

Se alguém me perguntasse, o edifício dela era mais assustador do que qualquer tubarão. Tipo estar preso num castelo sombrio do Duke Nukem. Com mais mil famílias a viverem por lá, cada porta de entrada a dar para um corredor. Escadas que descem por outros corredores. Do lado de fora da porta de entrada principal, uma rua cheia de carros e carros, pessoas e pessoas. Não havia *exterior* em nenhum lado. Perguntei à Emmy quem era aquela gente toda, e ela disse-me que não fazia ideia, mas que não se podia falar com elas porque eram estranhos. Estava habituada a castelos sombrios. Supostamente teria amigos da escola com *Nike Air Max*, *Furbys*, etc., ou seja, mais fixes do que nós, imundos alunos do 4.º ano, mas onde estariam eles? Em lado nenhum. A Emmy não podia vê-los durante todo o verão. Viviam noutras castelos sombrios. Ali não havia direito a correrias desenfreadas como fazíamos em casa, com adultos por perto ou não, idealmente não. A Emmy não ficava sozinha por um segundo, devido a todos os desconhecidos e ao risco de homicídio. Depois da escola, ia para um sítio sem graça, onde faziam artesanato até aparecerem as mães, com crianças que não estavam ao seu nível. Palavras dela. Quando a tia

June tinha turnos noturnos, como o serviço de urgências funcionava ininterruptamente, a Emmy ia dormir, tomar o pequeno-almoço e ver televisão à casa da velhota do andar de baixo, que tinha dois gatos de má catadura, pelo que havia pelo menos um vizinho sem intuítos criminosos.

A tia June ia ter dias de folga e disse-nos que faríamos umas coisas. Enquanto isso, o Sr. e a Sra. Peggot sentavam-se à mesa com as luzes apagadas, não querendo gastar a eletricidade da filha. O Sr. Peg não conhecia as ruas, e não havia quintal. Não havia mesmo nenhum, porque perguntei. Eu nem acreditava que o mundo tivesse um lugar assim. Não apenas do ponto de vista infantil de não haver nenhum sítio onde pudéssemos brincar à vontade. Onde é que aquela gente cultivava o tomate?

O apartamento em si era catita, se fechássemos os olhos à localização. Chique, como a tia June, com as unhas brilhantes e o cabelo castanho curto como a Posh das Spice Girls. Sardas miúdas. Boazona, sem dúvida, ou, pelo menos, assim teria opinado, se não a chamasse tia June. Os seus móveis estavam um patamar acima da média, a condizer. Um frigorífico do qual o gelo e a água fria saíam pela frente, e uma bancada de cozinha com bancos. Estantes com livros. Uma casa de banho de uso comum e outra exclusiva para a tia June, no seu quarto, com banheira. Ainda me sentia um pouco assustado, mas lá ia disfarçando. Também tinha um roupeiro com uma sapateira na porta, vinte e um pares de sapatos, pelas minhas contas. No nosso primeiro dia, a Emmy fez questão de nos mostrar todas estas particularidades, o que levou talvez uma hora, após o que ficámos praticamente sem saber o que fazer. A Sra. Peggot começou a bisbilhotar no roupeiro da tia June e pôs-se a remendar. Tinha tanto jeito para remendar fosse o que fosse que ninguém conseguia distinguir a parte remendada do resto, e confeccionava todas as roupas do Maggot, uma das suas habilidades. O Sr. Peg lia o *Knoxville News Sentinel*, incluindo os obituários de mil e uma pessoas que não conhecia de lado nenhum, e refilava por não ter sítio onde pudesse fumar. A seguir descia à rua e postava-se na calçada em frente ao prédio, com mais pessoas que não conhecia

de lado nenhum, todas elas a fumarem convictamente em ambiente ameno. Eu e o Maggot revezávamo-nos no Game Boy dele, enquanto esperávamos que a tia June acabasse de salvar gente de paragens cardiorrespiratórias e ferimentos de bala. Ou eu desenhava no meu caderno. Fiz um desenho da tia June com um corpete, como se fosse a Mulher Maravilha, com o superpoder do que a tia June efetivamente fazia na vida real. O silêncio era tal que conseguíamos ouvir as pessoas nos outros apartamentos, ou as suas televisões. Uma cidade é a coisa mais estranha e solitária.

A tia June tinha o roupeiro do quarto alcatifado, o interior de um roupeiro, imagine só, e onde cabíamos os três. Sentávamo-nos às escuras com réstias de luz que vinham dos lados através de frinchas na porta, eu, o Maggot e os vinte e um pares de sapatos, a ouvir as histórias que a Emmy tinha para contar sobre o serviço de urgências. A perna cortada de um tipo que foi enterrada com o corpo errado. Também histórias da tia June. Tipos na Jonesville High que queriam dar-lhe uma queca, mas acabaram por levar uma tampa, mesmo depois de uns quantos lhe suplicarem que casasse com eles. A mesma coisa, tipos diferentes, na escola de Enfermagem. Ficámos à espera de alguma referência sobre o que acontecera aos pais da Emmy e por que razão vivia com a tia June, se a senhora estava mortinha por se livrar dos candidatos ao altar e de bebés. Não houve nenhuma. A Emmy tinha outras preocupações, como o seu esconderijo secreto sob um tapete solto. A primeira vez que foi vasculhar, vi a cara do Maggot com réstias de luz a olhar para mim, tipo, *Que raio de coisa?* E lá vinha ela com maços achatados de cigarros e pastilhas elásticas. A perguntar se queríamos pastilhas. Dissemos que sim.

Ela disse:

— Qual é a sensação de querer?

Vimo-la descascar o papel de alumínio de uma pastilha elástica, devagarinho. Vimo-la a pô-la na boca, hipnotizados pela estranheza daquela miúda. Babados, mesmo que inicialmente não estivéssemos para aí virados. Puxou o cabelo para trás por sobre os ombros escanzelados. Sentimos o cheiro a fruta.

— Mazinha — disse o Maggot, passado um minuto.

A Emmy respondeu:

— A sério?

A tia June era o oposto da Emmy. Dava-nos tigelas especiais só para nós, para petiscarmos sempre que quiséssemos. Tirou finalmente os seus dias de folga e levou-nos a todos a um parque de trampolins, ao minigolfe, ao hospital. Ao jardim zoológico, onde passámos um dia inteiro. Tigres, girafas e afins. Macacos, os quais eu e o Maggot descobrimos como irritar, até que a tia June disse para pararmos, senão iríamos direitinhos para casa. Era muito simpática, mas não tolerava certas merdas. Estava um calor dos diabos, e os animais provavelmente sofriam tanto como nós. Os únicos campistas felizes eram aqueles pinguins de pequeno porte que deslizavam das rochas para dentro da sua piscina, que não primava propriamente pela limpeza, vezes sem conta. Eu estava, tipo, *Eh, isto é que é vida!* Nem me importava, com merda de pinguim e tudo. Perguntei à tia June se havia um aquário no jardim zoológico e fiquei a saber que não. Devo ter feito a mesma pergunta várias vezes.

Foi então que ela teve esta ideia. Monopolizou a minha atenção e encarou-me como se me tivesse perfeitamente dominado.

— Já sei do que ias gostar — disse-me.

Em Gatlinburg tinham um aquário gigante que parecia um mar aberto. Tubarões e tudo. Não mencionei que a Emmy já me falara desse sítio, pelo qual certamente não morria de amores. Deixando de monopolizar a minha atenção, a tia June disse que, assim que tivesse mais uns dias de folga, daríamos lá um salto. E a Emmy olhou para mim, tipo, *Foste avisado, por isso não chores quando acordares sem tomates.*

Iríamos, porém, com tubarões e tudo, mesmo que a Emmy tivesse medo. Toda a gente tem o seu dia de sorte.

A tia June trabalhava a toda a hora, além de nos levar a sítios, e, sendo miúdo, eu não pensava muito nisso até que uma noite ela chegou tarde, ou talvez de manhã cedo. Eu estava acordado, mas não queria assustá-la dizendo fosse o que fosse. E, passado um bocado,

tornou-se esquisito ela saber que eu estava deitado na pilha de almofadas a observá-la. Serviu-se de um copo de água, tirou os sapatos brancos e sentou-se à mesa, limitando-se a olhar para o copo. Passou as duas mãos pelo cabelo como se estivesse a pentear-se, exatamente o mesmo que o Maggot fazia às vezes. Tinha os olhos dele, o azul e as pestanas escuras pelos quais as primas morriam de inveja. Eu nunca tinha visto a mãe do Maggot, mas dei por mim a pensar que talvez fosse a irmã mais nova da tia June. As duas a brincarem juntas. Agora, ali está uma delas a tentar com todas as suas forças reunir as pessoas, e a outra em Goochland a cumprir dez a doze anos por ter tentado cortar uma pessoa em pedaços, quase com sucesso.

A tia June esticou as pernas debaixo da mesa, recostou-se na cadeira e ficou assim por tanto tempo que pensei que talvez tivesse adormecido, mas não era o caso. Passado um tempo ouvi-lhe a exalação, longa e silenciosa como um colchão de ar a vazar lentamente. Era inacreditável a quantidade de ar que tinha para deitar cá para fora. Parecia interminável.

O aquário acabou por ser o melhor dia da minha vida. Se algum dia chegar a ver o mar verdadeiro, ficarei muito surpreendido se este for melhor do que o Undersea Wonders em Gatlinburg. Tinham tudo o que se possa imaginar: cavalos-marinhos, polvos, alforrecas que nadavam de cabeça para baixo. Tanques rasos em que uma pessoa podia chegar às coisas e tocar-lhes. A atração principal era o Túnel dos Tubarões, onde uma pessoa andava sob um tanque gigante com a bicharada mais graúda: tubarões, raias, tartarugas. Mas tartarugas do tamanho de um *Honda*. Um peixe-serra, que é como um tubarão, mas com um focinho pontiagudo, tipo motosserra. Não estou a brincar. A Sra. Peggot foi conosco naquele dia. Um ou outro tinha sempre de ficar para trás, para o resto da malta caber no carro. Se fosse o Sr. Peg a ficar, punha-se a consertar qualquer coisa. Ou era a Sra. Peggot a ficar e preparava-nos o jantar, o que deixava a tia June com saudades de casa. No dia em que fomos a Gatlinburg, a Sra. Peggot e a tia June deram à língua sem parar, apesar de haver merdas incríveis a que deviam ter prestado atenção,

como um peixe-serra. Além disso, ela pagara uma exorbitância, tipo cem dólares, para termos direito a entrar. Mas não tardava iríamos embora, e acho que a mãe e a filha ainda tinham terreno para explorar. Como o trabalho árduo da tia June, ao qual a Sra. Peggot se opunha, e algo sobre a sua rotação ou mudança para outro hospital. Um tipo chamado Kent, com quem ela pensava em sair e a quem chamava delegado de propaganda médica, que eu achei não ter nada a ver com atividades menos recomendáveis, pois a tia June andava sempre nos conformes. Nada disso, obviamente, é da minha conta.

Guardámos o Túnel dos Tubarões para o fim, porque era o melhor, e porque a tia June e a Emmy estiveram em combate mortal durante toda a semana sobre a eventual entrada da Emmy. Esta começou por se recusar a ir a Gatlinburg, sem mais. O seu próximo plano fracassado era ficar no carro enquanto todos entrávamos. A tia June tinha este temperamento extremamente calmo, mas com ela era ou vai ou racha. Era ouvi-la no serviço de urgências a dizer:

— Lamento os buracos de bala que tem no corpo, caro senhor, mas tenho um trabalho a cumprir.

Resumindo, a Emmy iria mesmo entrar no raio do Túnel dos Tubarões. A tia June disse que era muito jovem da primeira vez, mas que era preciso voltar à carga e ver que não havia nada a temer.

Lá fomos nós, com a tia June a ignorar a Emmy, enquanto eu e o Maggot ficávamos deslumbrados com um milhão de toneladas de água por cima de nós com seres enormes a nadar por ali. Até o chão se mexia. Não estava à espera disso. Puxados pelos nossos próprios sapatos para as profundezas salgadas. Virei-me para ver o que a Emmy achava, e meu Deus. A miúda estava petrificada. Pessoas com os seus carrinhos de bebé e bebidas aos empurrões à volta dela para entrarem numa atração que lhes custara os olhos da cara, e a Emmy apavorada.

Sem pensar duas vezes, fui para trás. O chão, porém, estava a mexer-se, por isso eu não ia a lado nenhum, como um sonho em que parecia que o tempo não era tempo. A Emmy observava-me com um olhar assustado. Abri caminho por entre aquela gente toda a olhar para

cima, para as criaturas marinhas, basicamente o Aquaman na Lagoa de Atlântida, até conseguir assentar em terra firme com a Emmy pendurada em mim como se estivesse a afogar-se.

— Está tudo bem — assegurei-lhe. — Não íamos deixar-te.

— Ela ia. Nem sequer olhou para trás.

— Não ia sair do edifício. Vinha buscar-te a seguir ao túnel.

A Emmy tremia.

— Não me parece que viesse.

— Mas vinha — garanti-lhe. — A tia June é mesmo assim. Está sempre de olho em nós.

Pensei que teria de esperar com ela até que os outros voltassem, e depois ouvir o Maggot a falar do Túnel dos Tubarões de Gatlinburg durante o resto da minha vida natural. Por algum motivo, porém, a Emmy disse que sim, vamos a isso. Tive de lhe segurar a mão. Ela mantinha os olhos fechados.

Era verdade que a tia June ficava de olho em nós. O que não era verdade em relação à minha mãe, de nenhuma forma ou feitio. Por isso, fui eu que assegurei à Emmy que é preciso confiarmos na vida. Eu sabia-o bem. Devia tê-la deixado guiar-se pelo instinto: Não voltes a arriscar, pois a coisa pode voltar a dar para o torto a qualquer momento. Talvez ela então tivesse sido esperta perante a merda que lhe sucedeu mais tarde e talvez se tivesse saído melhor. Acho que já estou a ir demasiado longe, por agora. Peço desculpa.

A tia June deu cinco dólares a cada um para gastarmos na loja de lembranças. O Maggot comprou um tubarão-martelo de plástico, a Emmy comprou açúcar cristalizado, e estavam todos à espera. Sem pensar duas vezes, comprei esta coisa para a Emmy, uma pulseirinha de prata com uma cobra incorporada. Na embalagem dizia que se tratava de uma moreia. Dei-lha enquanto caminhávamos até ao carro. Disse-lhe que ela provavelmente odiava cobras, mas que era como o seu distintivo de bravura. Limitou-se a agradecer. A seguir, no caminho para casa, referiu que estava apaixonada por mim e que iríamos casar assim que tivéssemos idade suficiente. Está bem, disse eu. Na altura já estava mais do que habituado à cadeia de comando. Para dizer a verdade, porém,

fiquei meio chocado. Perguntei-lhe porquê comigo? Porque não com o Maggot? E ela disse: «Ora. O Matty é meu primo.»

O que causou a sensação habitual de não ter os meus próprios primos. Não considerara, porém, que havia um lado positivo, como o facto de a Emmy ser elegível para estar apaixonada por mim. Disse-lhe que não sabia como. Ela disse que não havia problema, que era fácil, que se fartava de fazer isso com os miúdos da escola e no sítio onde faziam bugigangas com pauzinhos de gelado.

O Maggot disse que isso só provava que ela era uma galdéria. Acho que ele se sentia excluído.

No dia em que fizemos as malas para regressarmos a casa, a Emmy deu todas estas instruções. Deveria convencer a minha mãe a deixar-me ligar-lhe. Estávamos nos anos noventa, nada de Facebook, nada de SMS. A Emmy disse-me que ou eu lhe ligava, ou ela me largava e se apaixonava por outra pessoa. Devo dizer que mais vale aprender essa lição mais cedo. Mas eu não tinha pensado muito na minha mãe desde que partíramos. Embora ela fosse toda «Não te esqueças de mim», o que eu achava uma estupidez. Quem é que se esquece da mãe? Mesmo assim, eu tinha-me esquecido.

Para compensar, fartei-me de pensar nela durante a viagem de regresso. São duas horas, mas parámos para reabastecer e comprar *Coca-Cola* em Cumberland Gap, e no parque onde têm o bisonte. O Sr. Peg era o condutor mais lento que se possa imaginar. Por fim lá subimos a calçada de acesso à casa a oito quilómetro à hora, e eu estava pronto para abrir a porta e sair antes sequer de ele parar. No entanto, a Sra. Peggot virou-se e pôs-me a mão no braço enquanto os outros saíam. Disse que tinha uma coisa para me dizer. Estava nervosa, o que não me agradou nem um bocadinho.

— Bem, não me vai dizer que ela morreu, porque estou a vê-la — disse-lhe eu.

A minha mãe devia ter ouvido a carrinha, porque tinha saído. Estava lá em cima à espera no *deck*.

— Não, não morreu ninguém. É uma boa notícia — retorquiu a Sra. Peggot. — Tens um pai.

— E já *morreu* — disse-lhe eu. Mesmo tentando manter o respeito.

— Não, não morreu. Pelo menos aquele de que estou a falar.

Pensei na sepultura onde ele estava enterrado, sobre a qual muito se discutira no que diz respeito a deixarem-me vê-la, e disse sem pensar duas vezes:

— Lázaro não é real!

A Sra. Peggot lançou-me um olhar engraçado.

— Não, não é ele. É um novo. Agora que já sabes, podes ir.

Não entendi, mesmo depois de estar no *deck* a ser alvo de um ataque de abraços e beijos da minha mãe. Foi então que o Stoner saiu de casa. Durante uma fração de segundo, perguntei-me o que pensaria ele de eu ter um novo pai, e depois percebi.

5

Nas duas semanas em que estive fora, a minha mãe fez o seguinte:

1. Casou com o Stoner.
2. Tirou folga para passar um fim de semana de lua de mel em Luray Caverns.
3. Mudou os móveis de sítio.

O meu quarto era o maior, e agora, de acordo com a minha mãe, tínhamos de trocar, porque era ela e o Stoner contra apenas um, que era eu. Disse-me que em breve arranjaríamos uma casa melhor, porque o Stoner ganhava bem. Deambulei pela casa que não era minha, enquanto o Stoner, com as botas em cima da mesa de centro, folheava o seu *American Iron*, sem camisa, só com uma camisola interior de alças. Como se agora fosse o seu reino e não tivesse ninguém a quem impressionar.

No quarto que não era meu, a cama estava debaixo da janela, onde eu detestava que estivesse, e os meus super-heróis tinham sido colocados na respetiva prateleira da forma mais estúpida que se possa imaginar, os vermelhos juntos, verdes com verdes, nada a ver com as suas alianças ou poderes reais. Parecia que um miúdo fantasma desmiolado tinha ficado ali preso durante a minha ausência, a alinhar as suas coisas sem nexos algum.

Além disso, o forte que era meu e do Maggot tinha um cão lá dentro. Como a barba do Vandal Savage, enorme e preto, com ódio nos olhos. Ladrava e atirava-se contra a cerca de arame sempre que alguém se aproximava.

A escola começaria dentro de poucas semanas e, pela primeira vez, eu mal podia esperar por ver o verão pelas costas. Quem diria que tal fosse possível? Entretanto, eu passava o tempo todo na casa do Maggot,

a dizer-lhe a sorte que tinha de não ter pais com quem fosse obrigado a viver, no que ele se mostrava de pleno acordo. Do quarto dele lá em cima, observávamos o Stoner no canil a desenrolar as suas «sessões» com o *Satan*. Para o caso de o leitor pensar que eu estava a ser um bebé chorão, o parvalhão chama *Satan* ao cão. Treina-o na senda do crime usando um bife cru: sacudindo-o, arrancando-o, o cão a passar-se dos carretos. O Stoner a ficar excitado.

— Cabrão de merda! É melhor ficares por aqui até aquele cão arran-car os pulmões ao dono — foi o conselho do Maggot, bem escusado. Era esse o meu plano para o resto do verão. Depois disso, o meu tempo naquela casa limitar-se-ia ao horário pós-escolar. Presumi que os Peggots estariam pelos ajustes.

Quem *não* estava pelos ajustes era a minha mãe. Começou a fazer perguntas. Será que os Peggots estavam a tentar virar-me contra o Stoner? Nem era preciso tentarem, o próprio fazia bem esse trabalho sozinho, respondi à minha mãe. Deu-me uma lambada por ter a língua afiada. Mas isso não foi de modo algum o culminar da questão. Agia como se as opiniões dos vizinhos sobre o novo marido importassem mais do que as minhas. Ou as dela também.

O que acabou por acontecer foi que eu, furioso, contei-lhe o que a Sra. Peggot dissera uma vez, sobre o facto de o Stoner não se importar se eu caísse da parte de trás da *Harley* e escangalhasse a mioleira. A minha mãe ficou de olhos arregalados e disse que eu não voltaria lá durante o resto da semana. A minha mãe era pequenota, minorca mesmo, o que, de acordo com a Sra. Peggot, era por causa de ela me ter tido antes de ter acabado de crescer. Por conseguinte, completados dez anos, estava eu a alcançá-la, em altura, entenda-se, e começara em certas ocasiões a dizer-lhe: «Tenta lá impedir-me.» Como aconteceu dessa vez.

Mas, dessa vez, a sua resposta foi que talvez ela não pudesse, mas o Stoner de certeza poderia. E talvez fosse *para isso* que ela precisava de um marido, se é que eu queria saber.

Estávamos, por outras palavras, a transformar-nos num espetáculo doméstico de merda. Eu andava demasiado furioso para me impor-tar, mas acho que a minha mãe tinha as suas dúvidas. Com o Stoner

sempre a bombardeá-la com perguntas, porque é que se vestia como uma puta, a quem andava a atirar-se no trabalho, aonde é que ia a seguir, que não era a lado nenhum. Nem gostava que ela fosse às reuniões dos AA e dos Narcóticos Anónimos, porque eram quase todos homens. Não perdia uma oportunidade para lhe recordar que, sendo casada, agora não poderia andar a sair com uns e com outros.

Por isso, talvez as palavras de incentivo da minha mãe fossem tanto para benefício próprio como para o meu. A sorte que tínhamos por o Stoner ter um bom emprego. Reconheço que não é algo que se ponha em causa no condado de Lee. A empresa para a qual trabalhava estava a crescer, ele ganhava bem, estaríamos a salvo.

Será que este trabalho fazia do Stoner a segunda vinda de Jesus? Motorista com carta de condução de mercadorias perigosas. Ou seja, conduzia um semirreboque, com uma carta especial que o autorizava a transportar não só as merdas do costume no seu camião, mas também *cerveja*. Ou, como o Stoner lhe chamava, Produto. Camionista de distribuição na Anheuser-Busch. Tinha de passar num teste anual que comprovava que era capaz de erguer e movimentar Produto com um peso até setenta e cinco quilos. Enquanto me dizia tudo isto, e muito mais que eu nunca quis saber, mantinha-se deitado no chão a pressionar os seus pesos livres da *XMark*, que tinham migrado para ali juntamente com certos maus odores e com o *Satan*. Os pesos ocupavam a maior parte da sala de estar, sobretudo quando se deitava entre eles com a sua camisola interior suada e a pulseira de cabedal, as veias do pescoço prestes a estourar, grunhindo a cada pressão como se estivesse a largar uma poia.

— A fazer a rotação e o *merchandising* de bebidas em mais de cinquenta contas de clientes — dizia ele, como se fosse professor do raio que o parta. — A cumprir as rotas até ao fim, independentemente das condições da estrada.

«Médica e odontológica» foi a parte que deixou a minha mãe empolgada. Agora eu teria cobertura caso precisasse de tirar as amígdalas ou fosse atropelado por um carro. Ou os medicamentos para o Transtorno do Défice de Atenção e Hiperatividade que alguns

professores queriam convencer a minha mãe a dar-me desde o primeiro dia. O Stoner disse: «Oh, sim, com a Rita Linda⁸ ou lá o que é, ele ficará uma beca mais calmo.» A minha mãe estava em cima da vedação. Mas disse que agora, fora de dúvida, eu passaria a ir ao dentista, precisasse ou não. O que não me entusiasmou. Ouvira miúdos a dizer que equivalia a uma câmara de tortura, e ouvira outros a dizer que não era assim tão mau, o dentista. Eu nunca tinha ido.

Não tardei a descobrir que um tratamento com a broca dentária era o melhor que poderia esperar agora. Toda uma nova vida para o jovem Demon era o plano do Stoner, que ele me descreveu uma manhã, ao pequeno-almoço, depois de a minha mãe ter saído para trabalhar. Eu ia aprender autodisciplina, como a ensinam no exército. Não que o Stoner tivesse prestado serviço militar, note-se. Acho que ele viu o filme.

A minha mãe tem sido demasiado branda comigo, diz o Stoner, inclinando-se para tomar mais um trago dos seus *Cheerios* com leite, e eu a pensar no que ele come, como um cão. Até a tigela de plástico vermelha de onde está a comer poderia ser uma malga de cão. A minha mãe tem sido tolerante com a minha atitude. Agora vou aprender como vivem as pessoas íntegras, com disciplina e respeito pelos outros.

Não tenho nada a dizer a este respeito.

O Stoner avança rápido como um raio e esmurra-me o maxilar. Voa-me a colher da mão para o chão. Sinto um ouvido a zumbir, a bochecha a arder. Olho para ele.

— O que é que eu fiz?

— Seu arrogante de merda. Não foi o que fizeste, foi o que pensaste.

O que pensei? Aquele Stoner comia o pequeno-almoço como um cão. Um cão com alargadores nas orelhas. Bem gostaria de prender uma trela a um daqueles buracos e levá-lo a dar o raio de um passeio.

— A questão é a seguinte — explica o Stoner calmamente, como se nada tivesse acontecido. Limpando o leite da barba com a parte de trás do pulso, coçando a cabeça tatuada. Diz ele que não admira eu estar tão

⁸ Menção jocosa à ritalina (cloridrato de metilfenidato), nome de um medicamento usado no tratamento do Transtorno do Défice de Atenção e Hiperatividade. (*N. dos T.*)

lixado. Como é que a minha mãe havia de saber criar um filho? Ela cresceu em famílias de acolhimento. É inevitável que vá criar mais um autêntico falhado. E eu a pensar: *Se ele acabou de chamar autêntica falhada à minha mãe, por que carga de água terá casado com ela?* Começo a perder a noção de onde ele quer chegar com esta conversa sobre a sorte que temos, eu e a minha mãe. Aquele Stoner apareceu para nos endireitar.

Assento os punhos na mesa, a tigela de cereais entre eles, a cabeça ruiva ainda agarrada ao pescoço. O Stoner acaba de tragar à cão os cereais, não pestanejo, nem me mexo. Também vi o filme do exército. O leite na minha tigela pode azedar, o dia pode virar noite, isso não me afeta. Vou ficar. O Stoner puxa a cadeira para trás, atira a sua tigela para o lava-louça e sai. A porta mosquiteira fecha-se com força.

Apanho então a minha colher do chão e como os meus cereais. É essa a vitória que obtenho, se é que se pode chamar isso. A encher-me como uma tigela sob uma torneira a pingar. A encher-me de ódio enquanto espero que o homem saia.

Contei à Sra. Peggot sobre o Stoner, que me disse que ela teria de falar com a minha mãe, ou ligar para os serviços sociais. Escolhi a minha mãe. Por isso, falaram as duas. Senti que a minha mãe ficou magoada com o Stoner. Talvez ela não tenha percebido as proporções que estava a tomar aquela relação de merda entre os dois homens. Tentou dar-lhe um bocado para trás. Houve uma noite em que ela trouxe para casa uma *pizza* e, enquanto comíamos na sala de estar com a televisão ligada, empregou uma vozinha alegre de passarinho para dizer que ainda tinha opiniões sobre as coisas e direito a expressá-las na sua própria casa. Foi durante um anúncio.

Sobre o quê, foi a pergunta do Stoner, e a resposta dela foi: Eu. Que eu ainda era filho dela. O Stoner nada disse. Voltou o programa, que era *Lei & Ordem*, e eu não quis comer mais. A *pizza* era uma havaiana da Pro's com presunto e ananás, a minha preferida, o que a minha mãe, claro, sabia e o Stoner não. Esta *pizza* era como uma mensagem em código da minha mãe para mim, ou seja: *Não desistas, continuo do teu lado*. Agora, porém, com o Stoner a ficar calado e com um olhar

absolutamente implacável, senti que teria sorte se conseguisse segurar o que já comera.

O programa terminou. O Stoner levantou-se, desligou a televisão e sentou-se de frente para a minha mãe.

— Estou a ver — disse ele. — Porque os bêbedos e os viciados em comprimidos são ótimos a cuidar dos filhos.

Os olhos da minha mãe fixaram-se nos meus. *A casa está a arder*, foi o que disseram, *e estou tão arrependida que só me apetece morrer*.

Eu sabia que ela estava arrependida. Já tínhamos discutido isso dezenas de vezes. É o Passo 9, pedir desculpa a todas as pessoas que magoámos. Isso e o poder superior, o inventário moral, a prática dos princípios, já tínhamos passado por tudo isso. Ela já tentara, e, para ser justo, acho que continuava a tentar.

— A mãe anda sóbria — disse eu. — Ficou sóbria para me manter.

— E alguém te mandou meter o bedelho? — Debruçou-se sobre a mesa de centro e fechou a caixa da *pizza*, empurrando-a para longe do sítio onde eu estava sentado no chão. Como se eu fosse um animal que ele andasse a treinar e tivesse acabado de perder os meus privilégios. Voltou-se para a minha mãe.

— Gostas tanto do teu filho que deixas os vizinhos criarem-no. Apesar de já termos discutido isto. Já falei. E não ouviste. Continua a passar mais tempo em casa dos Peggots do que na casa dele. Tenho razão ou não?

— Não — respondeu a minha mãe.

— Ah, não que não tenho. Ficas para aí sentada e não ligas nenhuma, enquanto ele anda por aí com aquele bichinha do vizinho que tem a mãe atrás das grades. Tenho razão ou não?

A minha mãe nada disse.

— A puta da mãe do bichinha que está de cana por ter dado uma naifada no raio do *namorado*. — O Stoner inclinou-se em direção à minha mãe e gritou: — Tenho. Ou não. Razão. Porra?

A minha mãe assentiu com a cabeça, depois abanou-a. Confusa, por estar apavorada.

Ele virou-se para mim.

— É esse o teu plano, Demon? Crescer e ser paneleiro?

— Não tenho plano nenhum — respondi. Nem podia acreditar que aquela conversa estava a decorrer.

— Ah, não? Não estás a pensar em arranjar um namorado e depois dar-lhe uma naifada e acabares na prisão enrabado pela geral? É esse o género de gente que somos nesta família?

Gostava de saber como é que o Stoner se sentiria ao receber um vômito como resposta, porque era para aí que eu estava virado. Mas ele voltou-se para gritar com a minha mãe. Naquela altura eu estava a começar a ficar sem compaixão pela minha mãe. Casar com aquele parvalhão não fora ideia minha.

— Diz-lhe! — gritou-lhe o Stoner. — Agora mesmo, para podermos todos ouvir. Ele não vai voltar para lá para brincar com aquela bicha. Nem amanhã nem nunca. Ou haverá consequências.

A minha mãe disse-o, e eu não me via a perdoá-la por isso.

Praticamente não voltei a sair até a escola começar. Choveu a semana inteira, o que fez com que aquilo se assemelhasse ainda mais a uma detenção. Assisti a mil e uma reposições dos *X-Men*, *Homem de Ferro*, *Exosquad*, *Spawn* e *Hulk*. Sempre que o Stoner queria a televisão, ia para o meu quarto e lia-os nas versões de banda desenhada. No meu caderno, fazia desenhos do Stoner no papel de supervilão a ser esmagado de várias formas. A dada altura, os programas de televisão, as histórias de banda desenhada, os desenhos e os meus sonhos confundiam-se tanto uns com os outros que era como se a minha pessoa tivesse deixado de existir. Apenas um rapaz tranquilo parecido comigo, com uma fera cá dentro, à espera de rebentar numa explosão de raiva de um guerreiro gama.

Que disse eu sobre as pessoas — que, se tiverem interesse, conseguem distinguir uma coisa da outra? Um grande *se*. Possivelmente o maior *se* à face da Terra. Porquê repararem zero nas cobras e mil por cento em certas coisas sobre as pessoas?

O leitor não nos conhece, nem a mim nem ao Maggot. Se nos visse aos dois, digamos, no 2.º ano, veria duas pessoas do mesmo tipo. Dois rapazes brancos, mais ou menos. Sendo o meu falecido pai Melungo,

que passa geralmente por branco, misturado com a minha mãezinha loura. Ou seja, não sou tão branco como alguns, mas o suficiente para se dizer tal coisa. Dois malandretes, vamos lá, com ténis do Walmart e unhas sujas: se o leitor for da cidade, acho que diria tratar-se de um par de labregos. Par perfeito.

Agora vou avançar, o que significa quebrar a minha promessa, mas só por um minuto. Nono ano. Cresci a olhos vistos e tenho um bigodinho ruivo. O Maggot deixou crescer o cabelo até aos ombros e começou a roubar *eyeliner* e verniz às primas, na pior das hipóteses na Walgreens. Tem dinheiro para gastar, mas um rapaz não pode entrar e comprar essas coisas. Porque ele pretende mesmo usá-las. E também trocar os ténis. As roupas caseiras da Sra. Peggot que rejeitáramos veementemente, não, obrigado, às camisas de *cowboy* com franjas. Mas agora os gostos do Maggot começaram a voltar-se para o vistoso.

Olhem agora para nós: um rapaz hétero e uma bicha. Independentemente de quem o leitor seja e do que possa dizer — «Bom para ele», ou «Dava-lhe um pontapé na cara», ou mesmo «Estou-me nas tintas» —, o leitor viu o que viu. Um rapaz e uma bicha. O olho vê o que tem interesse em ver. Mesmo que eu seja exatamente o mesmo miúdo que era, tal como o Maggot. Ele sempre foi o mesmo Maggot.

Eu é que comecei a chamá-lo assim. Éramos pequenos, e foi hilariante. E fui eu que mantive o hábito. Porque o Matty Peggot vai para a escola, e o que é que ele vai ser lá a não ser Matty Pega-de-Empurrão? Tentei acabar com isso. Não posso dizer que nunca lhe chamaram os outros nomes, porque chamaram. Mas, além daquela noite com o Stoner, não os chamaram onde eu os ouvisse.

Eu não tinha noção do que as pessoas achavam. Mas uma coisa ganha força quando é posta em palavras. Agora sentia aquele bichinho a escavar, a cuspir-me veneno nos miolos, a tentar mudar a forma como eu via o Maggot. A minha perceção da maneira como as pessoas encravavam a nossa relação.

Até então, eu era um colecionador casual de razões para odiar o Stoner. Naquela noite, deflagrou um incêndio. Pelo que me fez à cabeça, iria dar cabo dele.

6

Como é que a mãe do Maggot foi parar à prisão. Até que ponto conhecia eu essa história numa altura em que eu e o Maggot ainda andávamos por aí a correr com o nosso cerebrozinho cor-de-rosa e o cabelo rapado à escovinha tipo borrachinha de lápis? A Sra. Peggot tentou esconder-nos, aos dois, a pior parte. Mas, se uma história contém todos os elementos, será uma lenda aqui na região, onde gostamos tanto dos nossos vizinhos que não conseguimos deixar de falar deles. Acaba por chegar ao conhecimento de qualquer pessoa com ouvidos. E nós tínhamos um par cada.

Começa da forma habitual, com uma miúda a perder-se de amores pelo tipo errado. Foi o que aconteceu à Mariah Peggot. Não há quem não diga que ela não tem nada que se envolver com gente da igualha do Romeo Blevins. É demasiado velho para ela e também, sejamos francos, demasiado bem-parecido. Não há nada de mal com a Mariah, mas ela não é a beleza da família. Os Peggots tinham quatro raparigas, e as três mais velhas, durante a década de oitenta ou grande parte dela, dominaram, no condado de Lee, o panorama das festas do dia do aluno e tudo o que diz respeito à eleição de rainhas de festivais. Animadoras de claque, muito queridas. A June, a aluna que tirava sempre excelentes notas, e que mesmo assim tinha popularidade suficiente para namorar com qualquer tipo que ela quisesse, o que é inédito. As meninas Peggot arrasavam. A seguir vem a pequena Mariah, de peito raso, descarnada, teimosa como uma mula. Não é feia, mas não vai ser coroada rainha de coisa nenhuma com aquela aparência. Nem se atrevam a perguntarem-me se eu sou uma das meninas Peggot!

Ao passo que este Romeo é uma ameaça na sua qualidade de ganhão. Visuais de modelos de revista, como os gajos dos anúncios da

J. C. Penney que nunca na vida envergariam aquelas fatiotas de pai de família se não lhes pagassem a peso de ouro. Está em excelente forma, com um sorriso de arrasar, uma juba à Rei Leão, não lhe falta nada. Quem sabe o que viu nela o Romeo, mas a Mariah andava convencida de que lhe tinha saído a sorte grande, e o Romeo agia assim também: como se lhe tivesse saído a ela a sorte grande. Para se agarrar a tal prémio, era só estar no afortunado terminal de receção do seu caralho de ouro a bel-prazer dele e, em todas as outras ocasiões, executar sem reclamar as tarefas que ele lhe atribuía. Um encontro com o Romeo poderia implicar ir até casa dele tratar-lhe da roupa. Ele tem uma casa em forma de «V» invertido com duas divisões, na floresta, na montanha nos arredores de Duffield, e um negócio de sucesso como mecânico de automóveis com o seu próprio equipamento numa carrinha. Não é a merda habitual de mecanicozeco, estamos a falar de eletrónica. Capacidades de diagnóstico. É a era dos carros que começam a ter circuitos sofisticados em tudo, desde vidros elétricos a travões, de tal modo que podem ficar completamente destrambelhados de um momento para o outro. E o Romeo traz esta oficina ao cliente, tão simples como isso. Por ser demasiado útil em alturas de avaria, pode cobrar o que lhe apetece. Porque a uma pessoa sai-lhe a sorte grande só por proporcionar a vinda daquele formoso rosto.

A Sra. Peggot, não sendo tola, diz «Nem tudo o que luz é ouro, querida» e bate o pé. Estando a Mariah ainda no secundário, não tem outra opção a não ser fazer pela calada. Talvez a irmãzinha, afinal, precise de ser rainha por um dia ou talvez goste mesmo dele. Não interessa, não o vai largar. Mesmo que chegue a pensar nisso, ele lança-lhe aquele sorriso, e ela derrete-se toda. O 3.º ano é marcado por longas discussões na casa dos Peggots, como «Não o conheces, ele é tão meigo» e «Tão meigo o caraças; é uma raposa no galinheiro» e «Ele é diferente quando estamos a sós», terminando sempre no mesmo ponto: «Eu avisei-te, miúda, por isso não me venhas com choradeiras». Até ao Capítulo 2, a Mariah está grávida e muda-se para a casa dele, em forma de «V» invertido, na floresta nos arredores de Duffield.

Não era nada disto que o Romeo tinha em mente. Antes mesmo de ela ter o bebé, anda ele por aí à frente de Deus e de toda a gente com

outras miúdas. E dando a entender que a Mariah tem sorte em transportar a semente dele. Foi ela que engravidou, não foi? Em seguida vem o bebé, e a Mariah agora já não está tão convencida de que lhe tenha saído a sorte grande, cansada até cair para o lado, a chatear o seu homem para ele ficar em casa e ajudar ou, pelo menos, para deixar de ser pinga-amor. Por causa desta boca, passa a estar no terminal de receção de muitas outras coisas além do caralho dourado e do sorriso de arrasar. Uma noite depois de uma briga, ameaça ligar à irmã June para a ajudar a arrumar as coisas do bebé e sair porta fora. Ele arranca o telefone da parede, derruba-a e amarra-lhe as mãos atrás das costas com o cabo do aparelho. Arrasta-a lá para fora, com ela aos gritos, ata-a com todo o preceito ao corrimão do *deck*. Pega na sua *Ruger* e enfia-lhe o cano na boca, perguntando-lhe se que aquela bocarra espertalhona gosta de chupar caralho de metal frio. Pega na ponta do cano, que está húmida com o cuspo dela, e desenha-lhe um largo sorriso. Diz-lhe que deveria tentar um dia, poderia ficar menos feia. Em seguida, rasga-lhe a camisa e, com o seu lápis frio cheio de cuspo, desenha-lhe um enorme coração no peito, diz-lhe que deveria também tentar amar o seu homem. Vestir uma coisa decentemente sensual em vez daqueles asquerosos *soutiens* de amamentação. Aliás, o facto de ainda estar a servir de vaca para aquele miúdo, já quase a andar, é repugnante. A maldita Mariah Peggot ganha finalmente um par de tetas, e estas são propriedade de uma criança.

O Romeo acaba por se entediar, mete a arma no bolso e abala. Não propriamente na sua carrinha, sendo o *Chevy Monza* da Mariah a melhor opção para escapar dali. Não é o fim do mau dia da Mariah. É o começo. Ele deixou a porta da rua aberta, pelo que ela vê o Matty no seu parque na sala de estar. É obrigada a vê-lo a ficar com fome e assustado. Está longe de andar ainda, na idade em que mal se sentam, na idade de estômago sempre vazio, a gritar desalmadamente e a olhar através da malha branca do parque, os olhinhos tristes a perguntarem *porquêmamãporquê?*

A primeira vez, são duas horas. Então o Romeo volta com o seu lindo sorriso e pergunta-lhe se está arrependida. Ela diz que sim, vai

a correr acalmar e alimentar o Matty, coitado, e é isto que entendem por reconciliação naquele ninho de amor.

A Mariah não pode ir implorar aos pais que a deixem voltar para casa, porque foi avisada. Além disso, é teimosa até mais não. Pede ajuda à irmã. A June ainda vive em casa, mas agora está numa escola profissional e é um génio. Toda a família Peggot é, de facto, um barracão de ferramentas cortantes, tudo gente dotada e talentosa. Sendo a exceção o Humvee, o da casinha para passarinhos, que recentemente trouxe uma tragédia ao seio familiar ao arranjar forma de morrer. Nuvens escuras pairam sobre a casa dos Peggots.

As coisas pioram. O Romeo ausenta-se durante dias a fio, e quando regressa a casa só exige o jantar e sexo, se estiver para aí virado, mas geralmente vem tão enfrascado que desmaia de braços na cama, onde fica a dormir ferrado, aconteça o que acontecer, ou apite o *bip* as vezes que apitar. A Mariah aguarda com expectativa estes momentos. Porque ele já a ameaçou com todo o tipo de merdas até ao momento, arrancou-lhe um dente à pancada, e a cena do amarranço tornou-se um hábito. Mais uma vez, uma noite, ele deixa-a do lado de fora, de onde vê o Matty no parque a chorar que nem um perdido. No inverno, frio, a porta aberta, e a Mariah tem a certeza de que, dessa vez, o filho vai morrer. Bem pode gritar por ajuda, pois lá em cima não há ninguém que lhe responda, tirando as corujas nas árvores. Já torceu e retorceu os pulsos até fazerem ferida e começarem a sangrar, mas o Romeo é um homem precavido e sabe dar um nó.

Na primeira hora, o bebé chora até ficar com a carinha vermelha envernizada com ranho, as pestanas todas coladas, o queixo a tremer. Na segunda hora, fica calado, deitado, a mirá-la com aqueles olhos. Na terceira hora, fecham-se-lhe os olhos, e o corpinho agita-se. A Mariah tenta adivinhar o tempo, poderiam ter sido três horas ou trinta minutos, mas, assim que começa a escurecer, já sabe, e é nesta altura que se lembra de como se reza. Esquecera-se de como se fazia há algum tempo, por altura da preparatória, onde a vida se complica e uma rapariga começa a perceber que mais vale ficar irritada do que arrependida e dizer o que pensa do que pedir. Mesmo no que diz respeito

a Deus. A Mariah é apanhada na curva. Vê-se a pedir novamente. *Por favor, meu Deus, não deixes morrer o meu bebé.* Tem as mamas rijas que nem pedra e a ferver, chora lágrimas, chora leite, muge como uma vaca. O Matty começa a vagir novamente na penumbra, o uivo especial que um bebé mantém em reserva, caso surja a necessidade de rebentar com o coração de uma mãe. A Mariah sente como que uma faca na caixa torácica, a levantar-lhe a pele dos ossos, mas agradece a Deus por o bebé ainda não ter morrido de fome ou de frio ou do azar de ter nascido naquela família de merda numa casa de merda em forma de «V» invertido com duas divisões, nos arredores de Duffield. O Romeo não regressará antes da manhã seguinte. Esta é a noite que vai quebrar e moldar a Mariah.

Vai fingir-se muito arrependida, sim, por vê-lo voltar para casa com o seu sorriso rasgado. Vai fazer teatro, deixar aquele homem acreditar que é ele a resposta às suas orações. Esta noite, porém, lembra-se do outro aspeto que foi suficientemente tola em esquecer: mais vale ficar irritada do que arrependida.

A Mariah vai tirar sorrateiramente uma lâmina da carrinha do Romeo, um daqueles x-atos, e prendê-la com fita adesiva ao corpo, onde poderá alcançá-la da próxima vez que levar porrada e precisar de um gume cortante. Presa ao rabo, por baixo da tatuagem «as borboletas são livres» que ornamenta a região lombar, da qual os pais ainda não têm conhecimento. Mais um segredo, aquela bela lâmina que traz sempre consigo. Se ficar novamente amarrada, aquela borboleta há de libertá-la.

É o gume que vai usar nele também. O que aconteceu no dia em que o Romeo, com a carraspana, manda a mulher e o bebé para o caralho demasiadas vezes, antes de lhe dar um chilique, forte o suficiente para ela conseguir virá-lo de costas e meter mãos à obra. Fazendo-lhe uma incisão na bochecha do canto da boca até chegar ao maxilar, dos dois lados, para um sorriso de merda que ele possa usar o resto da vida. E um grande coração esculpido na pele do peito. Não se coíbe com o sangue a jorrar, nem com a gordura amarela da bochecha a cair em pequenos pedaços da carne retalhada, nem com a gritaria quando ele regressa a si.

Detém-se pouco antes de o *bobitar*⁹ (o que talvez não tivesse ainda sido inventado), mas faz o suficiente. Pode pegar no pequeno Matty e bazar sabendo que o paizinho não irá desfilar com umas calças caqui para nenhum anúncio da *J. C. Penney*. Não lhe passa pela cabeça que ele vá apresentar queixa. Ela é jovem, obviamente, criada por boa gente que, não sendo perfeita, nunca deixa de assumir as suas responsabilidades. Ensinarão-lhe que cada um se deita na cama que fez. Tem a certeza de que aquele homem sabia o que o esperava e que acabará por se arrepender. Depois de tudo. Quem é maldoso, porém, tem uma abordagem diferente aos números da maior parte das pessoas. Qualquer patifaria que faça acabará por cair no esquecimento. O que lhes é feito pesa o dobro.

Romeo Blevins contratou um advogado e manipulou o júri, tal como manipulara a Mariah e toda e qualquer pessoa que o conhecia. Fazendo-se passar pelo bom samaritano, enquanto a Mariah era a cabra louca e ciumenta. «Aquele bebé nem sequer é dele», argumenta o advogado com as botas de pele de jacaré e o relógio de ouro. Andava o Sr. Blevins a tratar da sua vida quando ela o assediou. Não é a primeira vez que ele tem problemas do género, as jovens criam expectativas e vão tentar agarrar um homem com posses. Os tempos são outros, estamos nos anos oitenta, quando o ADN ainda não teve grandes avanços e confiam na palavra de um homem. E nas suas posses. O que se dizia é que o Romeo tivera pena de uma jovem mãe solteira expulsa pelos pais, sem eira nem beira. E que depois esta ficou tipo lapa. Bastava ele sair à noite para ajudar uma velhota com o *Camry* avariado na interestadual para a Mariah ter um ataque. Demasiado instável para cuidar adequadamente de uma criança, como testemunhou o médico do bebé. Pois em duas ocasiões atendera o pequerrucho cheio de fraqueza e completamente desidratado.

Quanto mais a Mariah chorava e vagia no banco dos réus alegando ter sido torturada e amarrada ao corrimão de um *deck* durante a noite

⁹ A autora refere-se à norte-americana Lorena Bobbitt, que, em 1993, com uma faca, cortou o pénis ao marido, John Wayne Bobbitt, enquanto este dormia. (*N. dos T.*)

com o bebé em casa — coisas bem rebuscadas — por mais maluca passava. Ele tinha dez testemunhas, e ela, nem vê-las. Os Peggots deram o seu melhor em prol da Mariah, mas não se equiparavam a advogados com botas de pele de jacaré, que jogavam noutro campeonato. Nem sabiam o que pensar. Só sabiam que o Romeo andava nos píncaros, sendo que a Mariah era demasiado orgulhosa para se queixar a quem quer que fosse sem ser à irmã, e nem sequer a June sabia da missa a metade. Nunca ninguém a viu amarrada. Na altura em que a Mariah chegou ao banco dos réus, as cicatrizes já tinham sarado. As dele não. O leitor já terá reparado que é nas pessoas mais bonitas que toda a gente quer acreditar e, a seguir, nas mais destroçadas. O Romeo incluía-se em ambas as categorias. O júri decidiu que a Mariah o tinha desfigurado e lhe tinha dado cabo da vida para manter outras mulheres afastadas, para ter aquele prémio só para si.

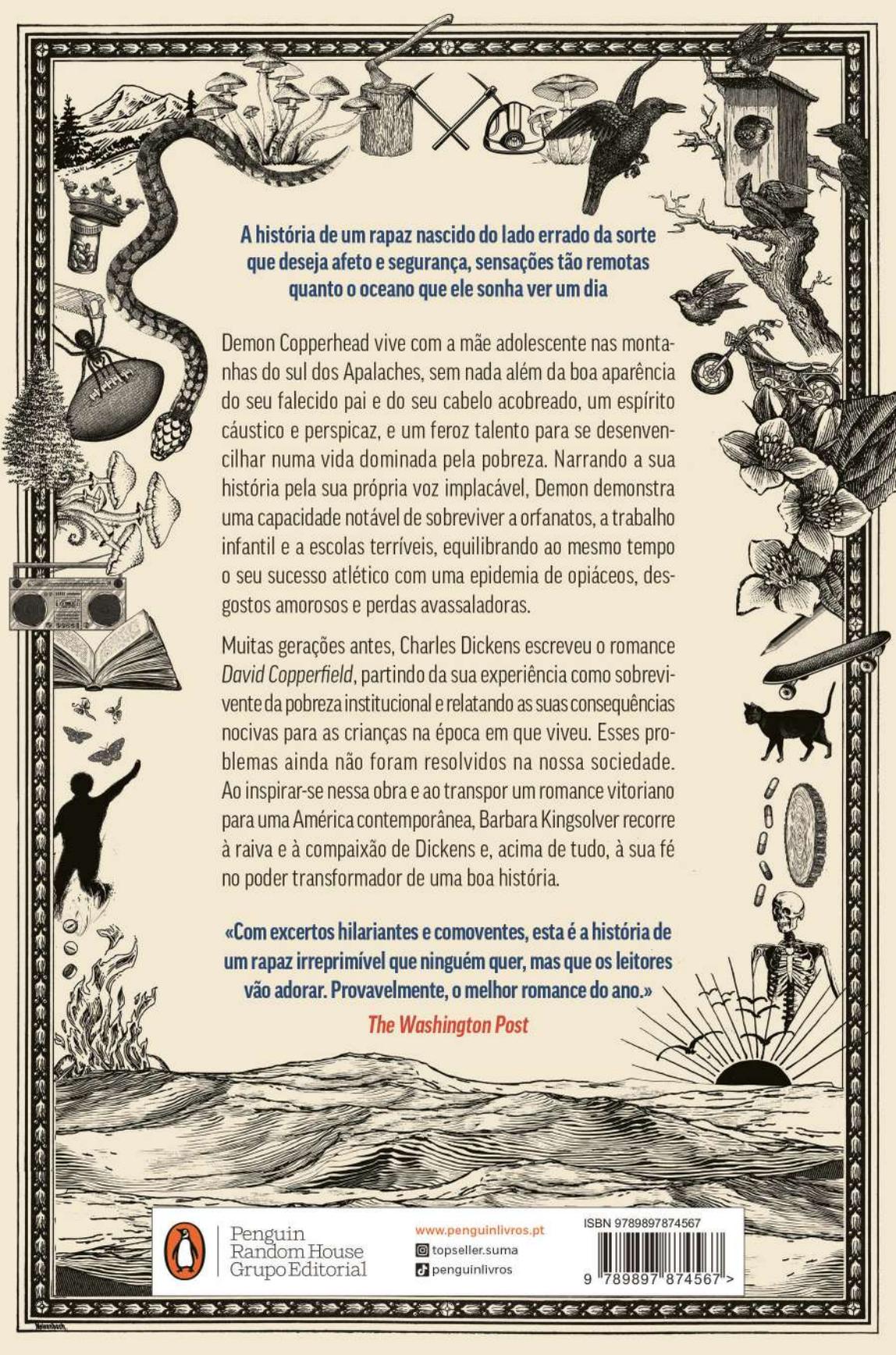
Esta história foi-me chegando aos pedaços, ao longo dos anos. As dúvidas e os arrependimentos das pessoas foram temperando o guisado durante o percurso. Deram grande importância ao facto de o ataque com uma arma mortal ter ocorrido logo após o décimo oitavo aniversário da Mariah. Não houve desejos formulados com o sopro de velas, pode ter a certeza. O Romeo não tinha jeito para romances, e é provável que a Mariah, atendendo ao seu estado, os tivesse esquecido. Ainda assim, uma rapariga chega à maioridade. Se o orgulho dela tivesse cedido mais cedo, o caso de envolvimento com uma menor teria tido maiores repercussões, e talvez a Mariah não tivesse sido julgada como adulta. Poderia ter passado algum tempo no reformatório e crescido de forma a levar uma vida completamente diferente, como mãe do Maggot. Era só isso que ela queria ser.

Começou a cumprir a sua pena de doze anos em Marion, uma prisão de alta segurança para reclusos com graves perturbações. Há que reconhecer que era o seu caso.

Ninguém acreditou numa palavra saída da boca daquela rapariga na altura em que mais precisava. E hoje a sua versão da história é considerada sagrada. O mundo dá cada volta. Não tardaria muito para que as pessoas comessem a fazer espalhafato por causa do pequeno

Matty, dizendo à Sra. Peggot como era bonito — *foi buscar esta carinha a algum lado, certo? Quem sai aos seus não degenera*. Cada um tem a sua cruz. A Sra. Peggot teria de arcar com as consequências do que dissera à Mariah no que diz respeito a fazer a cama e deitar-se nela. E do que toda a cidade ouviu: uma mãe a abandonar a própria filha. A Sra. Peggot lá carregou a sua cruz, mudou as fraldas ao miúdo e ensinou-o a atar os atacadores.

Como tudo isso se encaixa na minha história, é difícil de dizer. O Romeo partiu ao volante da sua carrinha para paragens desconhecidas, onde ele e o seu novo rosto poderiam contar qualquer história que lhes conviesse. Nunca vi aquele sorriso assustador, exceto nos meus pesadelos. E, por vezes, também bem acordado, na minha mente. Imaginando como ficaria aquele sorriso no Stoner, como se estivesse esculpido numa abóbora. Quem se deita com cobra levanta-se com enorme vontade de retaliar com os dentes. É tudo o que tenho a dizer.



**A história de um rapaz nascido do lado errado da sorte
que deseja afeto e segurança, sensações tão remotas
quanto o oceano que ele sonha ver um dia**

Demon Copperhead vive com a mãe adolescente nas montanhas do sul dos Apalaches, sem nada além da boa aparência do seu falecido pai e do seu cabelo acobreado, um espírito cáustico e perspicaz, e um feroz talento para se desenvolver numa vida dominada pela pobreza. Narrando a sua história pela sua própria voz implacável, Demon demonstra uma capacidade notável de sobreviver a orfanatos, a trabalho infantil e a escolas terríveis, equilibrando ao mesmo tempo o seu sucesso atlético com uma epidemia de opiáceos, desgostos amorosos e perdas avassaladoras.

Muitas gerações antes, Charles Dickens escreveu o romance *David Copperfield*, partindo da sua experiência como sobrevivente da pobreza institucional e relatando as suas consequências nocivas para as crianças na época em que viveu. Esses problemas ainda não foram resolvidos na nossa sociedade. Ao inspirar-se nessa obra e ao transpor um romance vitoriano para uma América contemporânea, Barbara Kingsolver recorre à raiva e à compaixão de Dickens e, acima de tudo, à sua fé no poder transformador de uma boa história.

«Com excertos hilariantes e comoventes, esta é a história de um rapaz irreprimível que ninguém quer, mas que os leitores vão adorar. Provavelmente, o melhor romance do ano.»

The Washington Post



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897874567



9 789897 874567 >